

P I M P A

MATTHEW LIPMAN



SOCIEDADE PORTUGUESA DE FILOSOFIA



Sociedade
Portuguesa
de Filosofia

P I M P A

Projecto: *Filosofia para Crianças*
Coordenadora: Zaza Carneiro de Moura

© 1981, Matthew Lipman e Theresa L. Smith.

Título original

PIXIE

Tradução e adaptação de
Maria Luísa Guia Abreu

Revisão de
Maria José Teixeira

Tradução com apoio da
Fundação Calouste Gulbenkian

Edição

© Sociedade Portuguesa de Filosofia

© Centro Português de Filosofia para Crianças

Av. da República, 37/4º – 1050 Lisboa

Arranjo gráfico

IIE/NDI . Gab. Des. Gráfico

Capa de

Paula Elisabete

Impressão e encadernação

Colibri, Sociedade de Artes Gráficas, Lda.

DEPÓSITO LEGAL Nº 52 771/92

1.ª tiragem – Lisboa, Fevereiro 1992.

Com o apoio do Instituto de Inovação Educacional

2.ª tiragem – Lisboa, Novembro 1995.

Com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

Matthew Lipman

P I M P A

1995

NOTA PRÉVIA

Escrita para crianças entre os sete e os nove anos de idade, a **Pimpa** tem em comum com as outras histórias que constituem o currículo do programa Filosofia para Crianças (FpC), o facto de servir de base à construção de um diálogo filosófico, quer em ambiente de sala de aula, quer em ambiente não escolar. Nela se encontra habilmente integrada a exploração, em linguagem quotidiana, de conceitos que sendo património do pensamento filosófico ocidental, como tempo, espaço, pessoa, verdade, real, liberdade, direitos, justiça, amizade, etc, têm a ver com a vivência de cada um, independentemente do seu nível etário. Acresce que a inclusão deliberada de várias situações em que os personagens evidenciam diferentes tipos de raciocínio –analógico, dedutivo, indutivo, etc.– facilita o seu efectivo exercício por parte dos leitores. Mais, as conversas da Pimpa e dos seus amigos ilustram, no geral, uma atitude inquisitiva face ao conhecimento, tanto daquilo que os rodeia, como de si mesmos. "Quem sou eu?", "O que é o espaço?", "O que é o tempo?", "O que são relações?" são algumas das perguntas cuja resposta, embora em aberto, lhes permite acender a um grau maior de compreensão na elaboração da sua visão do mundo e na captação de significados através da linguagem.

Mas não é só a capacidade de questionar aquilo que de intrigante ou misterioso se descobre nos aspectos familiares da experiência – seja, o próprio nome (pag.3), um braço dormente (pag.8), ou a criação de uma história (pag.4) – que é próprio da investigação filosófica. Outras, como a capacidade de pedir e dar razões, a de detectar e examinar suposições subjacentes e implicações, a de detectar raciocínios falaciosos, de buscar a consistência, de construir hipóteses e elaborar critérios, fazer comparações e distinções, ter em conta diferentes perspectivas, modificar e corrigir as suas ideias ou opiniões, fazem também parte desse processo.

A FpC acentua a profunda ligação entre o pensar e o falar. Daí a importância de se aprender, desde muito cedo, desde o pré-escolar, a criar relações significativas de comunicação no âmbito de uma "comunidade de investigação". Sabe-se que as aquisições cognitivas e emocionais assim obtidas contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo das crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atitudes de respeito mútuo, tolerância e auto-estima. Estas aquisições, que são aliás prolongadas e reforçadas no uso de diferentes formas de expressão, plástica, dramática, musical, etc, repercutem-se na aprendizagem das outras disciplinas e na construção da identidade pessoal, correspondendo nesta perspectiva da educação a um objectivo global: aprender a viver.

Desde 1988 que o **Centro Português de Filosofia para Crianças**, criado no âmbito da Sociedade Portuguesa de Filosofia – ambas instituições sem fins lucrativos – e com o apoio pedagógico do Institute for the Advancement of Philosophy for Children, tem vindo a implementar, primeiro nas escolas do ensino básico da rede pública e privada, e mais recentemente no pré-escolar, os vários programas e metodologia da FpC.

Com a introdução da disciplina da filosofia reestruturada para uso das crianças e jovens nos primeiros anos de escolaridade e no pré-escolar, pretende-se que os estudantes ao **fazerem** filosofia desenvolvam simultaneamente o pensamento de ordem superior, isto é crítico, criativo e éticamente atento, e que interiorizem procedimentos que possam favorecer a sua melhor integração social. No entanto, se os materiais curriculares da FpC são um excelente auxiliar para que se atinjam estes objectivos, nomeadamente através do exercício de múltiplas competências de pensamento, eles por si só não bastam para o conseguir: necessário se torna que os agentes educativos possam adquirir a prática necessária na condução de um diálogo filosófico e que descubram, ou reforcem as virtualidades de uma relação pedagógica em que ambos os polos, professores e alunos estão envolvidos num genuíno processo de descoberta e reflexão em comum.

Aa *Filosofia para Crianças* insere-se perfeitamente nos objectivos e princípios definidos pela Lei de Bases do Sistema Educativo tendo o seu mérito e interesse sido reconhecido em 1989 pelo respectivo Ministério. Com efeito, promover o "desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva" é algo que o programa criado originalmente por Matthew Lipman tem vindó a proporcionar a crianças e jovens de todas as partes do mundo nestas duas últimas décadas.

Uma das atribuições e preocupações do Centro Português de Filosofia para Crianças para além da tradução e adaptação e inovação dos materiais curriculares tem sido a de promover através do seu "Projecto Filosofia para Crianças" a difusão com qualidade e integridade da filosofia no ensino elementar e em ambientes não escolares. Assim, tem vindo a proporcionar aos professores e educadores a possibilidade se especializarem nesta abordagem da filosofia e na metodologia da "comunidade de investigação" mediante a sua participação em acções específicas de formação e da colaboração com outras instituições culturais (abrangendo animadores culturais, pais, etc.) e escolas na realização de projectos. Através da Revista dos Centros de Filosofia para Crianças e Niños, Aprender a Pensar – tem vindo ainda a veicular aspectos teóricos e pedagógicos ligados à aplicação da Filosofia para Crianças. Z.C.M.

CAPÍTULO UM

Agora é a *minha* vez! Tive de esperar *tanto* até que os outros acabassem de contar as histórias deles!

Vou começar por lhes dizer o meu nome. O meu nome é Pimpa, mas este não é o meu nome verdadeiro. O meu nome
5 verdadeiro é o que os meus pais me deram. Pimpa é o nome que eu dei a mim própria.

Que idade tenho? A mesma que vocês.

Sabem que eu sou capaz de cruzar as pernas e andar de joelhos? O meu pai diz que até parece que sou feita de borra-
10 cha. Ontem à noite enrolei os pés à volta do pescoço e consegui andar com as mãos no chão! Não, não se pode cruzar as pernas *e*, ao mesmo tempo, pô-las à volta do pescoço! Ou se faz uma coisa ou outra, mas nunca as duas. A não ser que vocês julguem que são algum biscoito.

15 A minha mãe diz que eu às vezes sou como o fel. Vocês sabem o que isso é? Se calhar é alguma coisa boa como o mel.

A minha história é muito comprida, por isso podem sen-

tar-se. (Este ano estou muito mais paciente que no ano passado. No ano passado teria dito: "— Sentem-se! Não continuo enquanto não estiverem quietos. Posso esperar o tempo todo que for preciso!").

5 Que engraçado! Já não gosto de falar assim! Agora o que eu quero é começar a contar a minha história.

* * *

10 Todos nós tivemos de inventar uma história e foi por isso que eu inventei a minha. O que eu agora vos quero contar é a história de como a minha história apareceu. Primeiro acontece a história e só depois é que existe a história de como ela aconteceu. O que eu quero dizer é que ela teve de acontecer
15 primeiro e só depois, *mais tarde*, é que a história aparece. Esta é a história do que aconteceu primeiro. Portanto, é a história de como ela aconteceu.

Nós só soubemos que tínhamos de inventar uma história quando o professor disse que íamos fazer uma visita de estudo ao Jardim Zoológico.
20

O professor Mateus é o nosso professor. Ele tem orelhas de abano como eu, só que sou capaz de abanar as minhas e ele não. (Eu não quero dizer que ele não é capaz de abanar as *minhas* orelhas, quero dizer que ele não é capaz de abanar as
25 *suas próprias* orelhas!).

O professor Mateus é tão velho! Imaginem que ele tem

uma filha que vai ter um bebê. Meu Deus, ele já deve andar por cá há muito tempo. Será que ele chegou a conhecer o Marquês de Pombal? (No ano passado eu teria perguntado mas agora não).

5 Bem, o professor disse-nos que íamos ao Jardim Zoológico e que depois cada um de nós tinha que inventar uma história sobre o passeio, ou os animais que víssemos, ou os lugares donde eles vinham, ou ainda sobre a forma como eles tinham sido capturados e trazidos para o Jardim Zoológico.

10 — A vossa história pode ser sobre qualquer coisa em que o Jardim Zoológico vos faça pensar — disse o professor Mateus.

Lembro-me perfeitamente de ele nos ter dito isto. Foi por essa razão que a história que eu inventei não foi sobre o
15 Jardim Zoológico mas sobre uma coisa em que o Jardim Zoológico me fez pensar.

* * *

20 Quando o professor nos disse que íamos ao Jardim Zoológico todos nós gritámos: "Uau! Iupi!". Todos menos o Nuno.

— Mas quem é que quer ir àquela porcaria de Jardim Zoológico? — disse o Nuno fazendo uma careta e torcendo o nariz.

25 Fiquei furiosa e disse-lhe:

— Que engraçadinho! Mas como é que *tu* julgas que chei-

ravas se *tu* tivesses de ficar todo o dia numa jaula?

Quando lhe disse isto ele deitou-me a língua de fora. Claro que eu também lhe fiz uma careta.

Ele então disse-me que eu tinha pastilha elástica no ca-
5 belo, mas eu sabia que não era verdade. Tenho a certeza que já a tinha tirado toda!

Há gente que só visto!

* * *

10

Antes de nos deixar sair para o almoço, o professor recos-
tou-se primeiro na cadeira, limpou os óculos durante um bo-
cado, e depois disse:

— A propósito da visita ao Jardim Zoológico, há ainda
15 uma coisa que eu queria que todos fizessem. Queria que cada um inventasse um segredo e que não o contasse a *ninguém*.

E eu perguntei:

— Ó professor, nem à nossa melhor amiga?

— Nem à vossa melhor amiga — respondeu-me ele.

20 — Nem a *si*? — perguntou a Quica.

E o professor respondeu:

— Nem a mim.

Nessa altura, a Isabel, que era em quem eu estava a pen-
sar quando fizera aquela pergunta, pois ela é a minha melhor
25 amiga, perguntou:

— Que espécie de segredo, professor?

O professor disse, então:

— Eu quero que cada um escolha um animal qualquer, pode ser um pássaro, um réptil, aquele de que gostarem mais, e essa será a vossa *criatura misteriosa*. Quando chegarem ao Jardim Zoológico abram bem os olhos para ver se a descobrem. Quando a encontrarem, pensem numa maneira de ela entrar na vossa história. Depois, quando estivermos outra vez na aula, cada um contará a história da sua criatura misteriosa.

10 Fiquei excitadíssima porque nem sequer tive de estar a pensar qual seria a minha criatura misteriosa. Eu já sabia qual era. E também tinha a certeza que ninguém ia escolher a mesma que eu. Estava desejava que esse dia chegasse.

Quando íamos a sair a porta a caminho do refeitório, vi o Tomás aos segredinhos com a Catarina a tentar descobrir qual era a criatura misteriosa dela.

Ao atravessar o átrio de entrada, eu e a Isabel demos as mãos como de costume. Não íamos a conversar porque estávamos ambas a pensar. Eu pensava como tinha sorte em ter uma amiga que não ia tentar descobrir o meu segredo. Ela também devia estar a pensar o mesmo, porque quando chegámos ao cimo das escadas parou de repente e abraçou-me. Depois continuámos a descer a caminho do refeitório.

* * *

Mais tarde, quando estava sentada na carteira, comecei a pensar outra vez na minha criatura misteriosa. A Isabel disse que eu parecia que estava a sonhar acordada. Eu tinha o queixo apoiado na mão e o cotovelo em cima da mesa.

5 Não sei quanto tempo fiquei assim sentada, mas deve ter sido um bom bocado. De repente, lembrei-me que estava na aula e então dei-me conta duma coisa muito estranha. Sabem o que foi? O meu braço tinha adormecido.

Ainda hoje não consigo compreender isto. Se toda eu es-
10 tava acordada, como é que uma parte de mim estava adormecida? O meu braço estava mesmo a dormir. Eu não podia mexê-lo. Parecia que estava pendurado no meu ombro. Nem sequer o conseguia sentir, quer dizer, sentia só um pequeno formigueiro.

15 Já alguma vez tiveram um braço dormente? Não é estranho? Até parece que não nos pertence. Mas como é que uma parte de nós pode não nos pertencer? Tudo o que é nosso pertence-nos. Isto é que me intriga: o meu corpo e eu são o mesmo ou não são. Se o meu corpo e eu são a mesma coisa,
20 então *ele* não pode pertencer-*me*. E se o meu corpo e eu são diferentes, então quem sou *eu*? Começa a parecer-me que *eu* é que *sou* uma criatura misteriosa!

Mais tarde, quando falei nisto à Isabel ela disse-me:

— Ó Pimpa, tu preocupas-te demais, isso não tem problema nenhum. O teu corpo pertence-te e tu pertences ao
25 teu corpo.

— Claro — respondi eu — mas será que eu pertenço ao meu corpo *da mesma maneira* que o meu corpo me pertence?

* * *

5

Olhei para o Bruno e quis-lhe contar do meu braço que tinha adormecido, mas sabia que ia ser uma perda de tempo porque ele não me ia responder. Ele nunca iria falar com ninguém.

10 Há anos que o Bruno não falava. Um dia perguntámos ao professor Mateus se o Bruno tinha algum problema. Ele respondeu que não, que ele é que não queria falar.

Mas eu mesmo assim fui tentar. Sentei-me ao lado dele e disse-lhe:

15 — Bruno, sabes que o meu braço adormeceu agora mesmo.

Ele ainda olhou para mim uns segundos, mas depois desviou o olhar. Eu insisti.

20 — Sinto-o como se ele fosse feito de borracha, nem parece o meu braço.

O Bruno continuou a olhar para o ar como se eu não lhe tivesse dito nada.

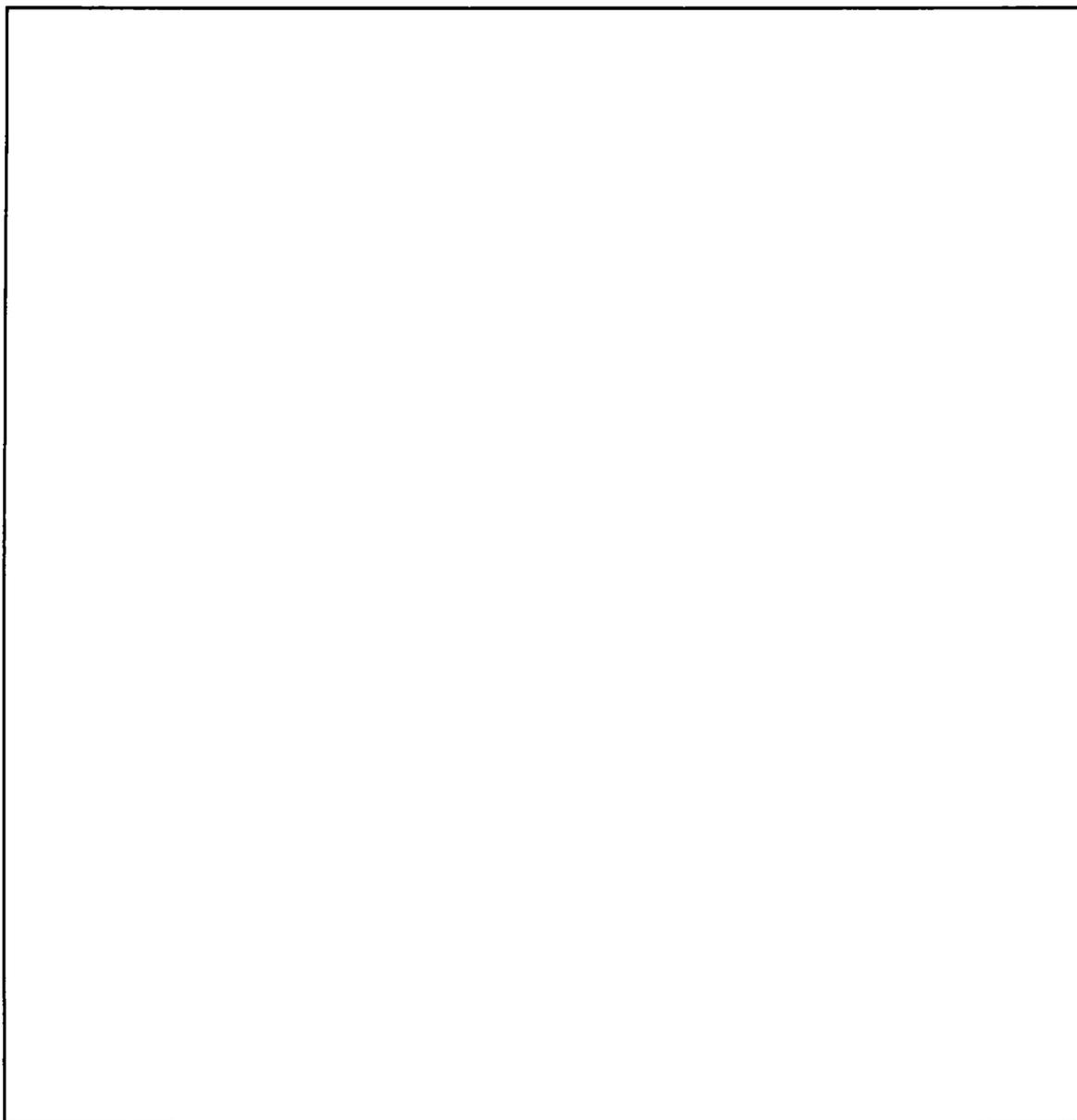
Então eu perguntei-lhe:

25 — Como é que *tu* achas que te sentirias se o *teu* braço parecesse feito de borracha?

Nessa altura ele virou-se para mim e sem me dizer uma

palavra fixou-me com aqueles seus olhos que parecem atravessar-nos. Então levantei-me e voltei para o meu lugar.

A Isabel diz que o Bruno tem olhos de lobo. Mas como é que isso é possível? A minha mãe à vezes também me diz que
5 eu tenho a boca do meu pai. Há coisas que eu nunca consegui compreender. É como aquele problema que eu tinha há pouco: como é que uma parte de mim pode pertencer a outra pessoa?



CAPÍTULO DOIS

— Isabel — disse eu — como é que o Bruno pode inventar a história sobre a criatura misteriosa se ele nunca fala?

A Isabel respondeu-me:

— Bem, ele pode inventar uma história só que depois não
5 a vai *contar*. Ele vai continuar a pensar nela até começar a
escrevê-la.

— Então achas que é isso que se passa na cabeça dele? —
perguntei eu. — Será que ele está sempre a contar a si pró-
prio as histórias que inventa?

10 — É bem possível — disse a Isabel — com o Bruno tudo é
possível.

Gosto da Isabel porque ela é parecida comigo naquilo que
eu mais gosto em mim e é diferente naquilo que eu não gosto
de ser. O cabelo dela e as sobrancelhas são do preto mais
15 preto e os olhos são azuis da cor do céu.

* * *

Nessa noite, durante o jantar, contei aos meus pais que íamos ao Jardim Zoológico e que tínhamos de inventar uma história sobre uma criatura misteriosa, mas não revelei o meu segredo.

5 Também não disse nada à Miriam. Só porque ela é minha irmã, é dois anos mais velha do que eu, e dormimos no mesmo quarto, não tenho de lhe contar *tudo*! Ela alguma vez me mostrou o diário onde escreve todas as noites? E quando a Susana vem cá a casa, ela por acaso deixa-me ficar a ouvir a
10 conversa delas? Ainda por cima está sempre com segredinhos e risotas. À minha frente, chega até a dizer para a Susana: "Espera um bocadinho que a miúda está ali e eu vou ver se me livro dela". Ah, nem imaginam como a *detesto* quando ela diz aquilo!

15 Mesmo assim damo-nos bem, a não ser quando ela se atravessa toda na cama e eu tenho de a empurrar e obrigá-la a voltar-se para o outro lado. Para o outro lado da cama, quero eu dizer.

20

* * *

Eu sei que vocês querem que eu continue a minha história, e sei muito bem que não é nada bonito estar sempre a *interromper*. Mas todas estas coisas que me aconteceram têm
25 um bocado a ver com a história que eu inventei. Por isso também tenho de as contar.

É verdade que eu às vezes conto coisas que não têm nada a ver com a história: como aquilo de eu ser capaz de dar três cambalhotas seguidas. Isso não tem realmente nada a ver com a minha história. Mas *vocês* são capazes de dar três
5 cambalhotas todas de seguida?

Não fiquem a olhar para mim dessa maneira! Já viram bem o que me obrigaram a fazer? Quase que me ia a esquecer de vos contar o que aconteceu naquela noite.

Acordei a meio da noite com um sonho muito estranho.
10 Não foi bem um pesadelo, mas assustou-me bastante.

O candeeiro da rua, que fica mesmo junto da janela do meu quarto, estava apagado. Por isso o quarto estava todo às escuras. A dada altura senti uma coisa em cima da minha perna direita. Pensei que fosse a Miriam, por isso dei-lhe um
15 empurrão e disse:

— Ó Miriam, tira a perna de cima de mim!

Mas a perna deslizou novamente para o mesmo sítio. Já irritada, dei-lhe outro empurrão e disse:

— Miriam, pára com isso!

20 A perna escorregou outra vez, muito devagarinho, mas desta vez agarrei-a. Que estranho, parecia feita de borracha. Eu conseguia dobrá-la em todas as posições. Agarrei o pé e puxei-o até à cara para o ver melhor. E imaginem que não me pareceu nada estranho? Parecia o *meu* pé! E *era* mesmo o
25 meu pé! Tinha adormecido e por isso eu tinha pensado que era o da Miriam.

Na manhã seguinte contei o meu sonho à Miriam e perguntei-lhe:

— Achas que se a minha cabeça adormecer eu vou pensar que ela é a tua?

5 A Miriam olhou para o gato que andava às voltas atrás do rabo, a correr pela cozinha, e disse:

— Come mas é a papa.

Estão a ver, esta é que é a grande diferença entre mim e a Miriam. Para ela não existem problemas. Não é que ela tenha
10 respostas para tudo. Ela é que nem sequer está *interessada* em fazer perguntas.

* * *

15 Mal acabou de comer, a Miriam desatou a correr para a casa de banho. Fechou a porta por dentro só para eu ficar cá fora. Bati na porta com toda a força e disse:

— Ó Miriam, não é justo! Eu tenho o mesmo direito que tu de ir à casa de banho!

20 Cá de fora, ouvia-a a lavar os dentes. A dada altura parou e disse:

— Agora tens de esperar pela tua vez.

Percebi pela voz dela que estava com a boca cheia de pasta e só desejei que ela a engolisse toda. Muito irritada, gritei:

25 — Fecha a torneira. Não sabes que há falta de água?

Entretanto continuei a bater na porta com o punho.

— Ó Miriam, só porque tens onze anos não tens o direito de fazer o que queres dos outros.

E pensei para comigo. "Quando eu tiver onze anos, em quem é que eu depois vou mandar? Em ninguém!"

5 Foi nesse momento que ela me deixou entrar. Não foi por ter pena de mim, mas porque já se tinha despachado da casa de banho. Mas também pensei que se ela estava à espera que eu lhe contasse o meu segredo, estava muito enganada. Pelo menos era isso que eu esperava que ela esperasse.

10

* * *

Isto aconteceu-me na terça-feira de manhã, mas na quarta as coisas não correram melhor.

15 Lá em casa, ao pequeno almoço, sou a única que come papa. Os outros bebem sempre café com leite e comem pão com manteiga. Não há dia nenhum que não impliquem comigo. A minha mãe está sempre a barafustar:

20 — Ó Pimpa põe o guardanapo. Ainda entornas o leite em cima do vestido.

O meu pai, esse diz:

— Pimpa, não enchas a tigela dessa maneira. Deixas sempre mais de metade. Uma pessoa podia viver só do que tu desperdiças.

25 E como se isto não bastasse, a minha irmã tem sempre de me dizer:

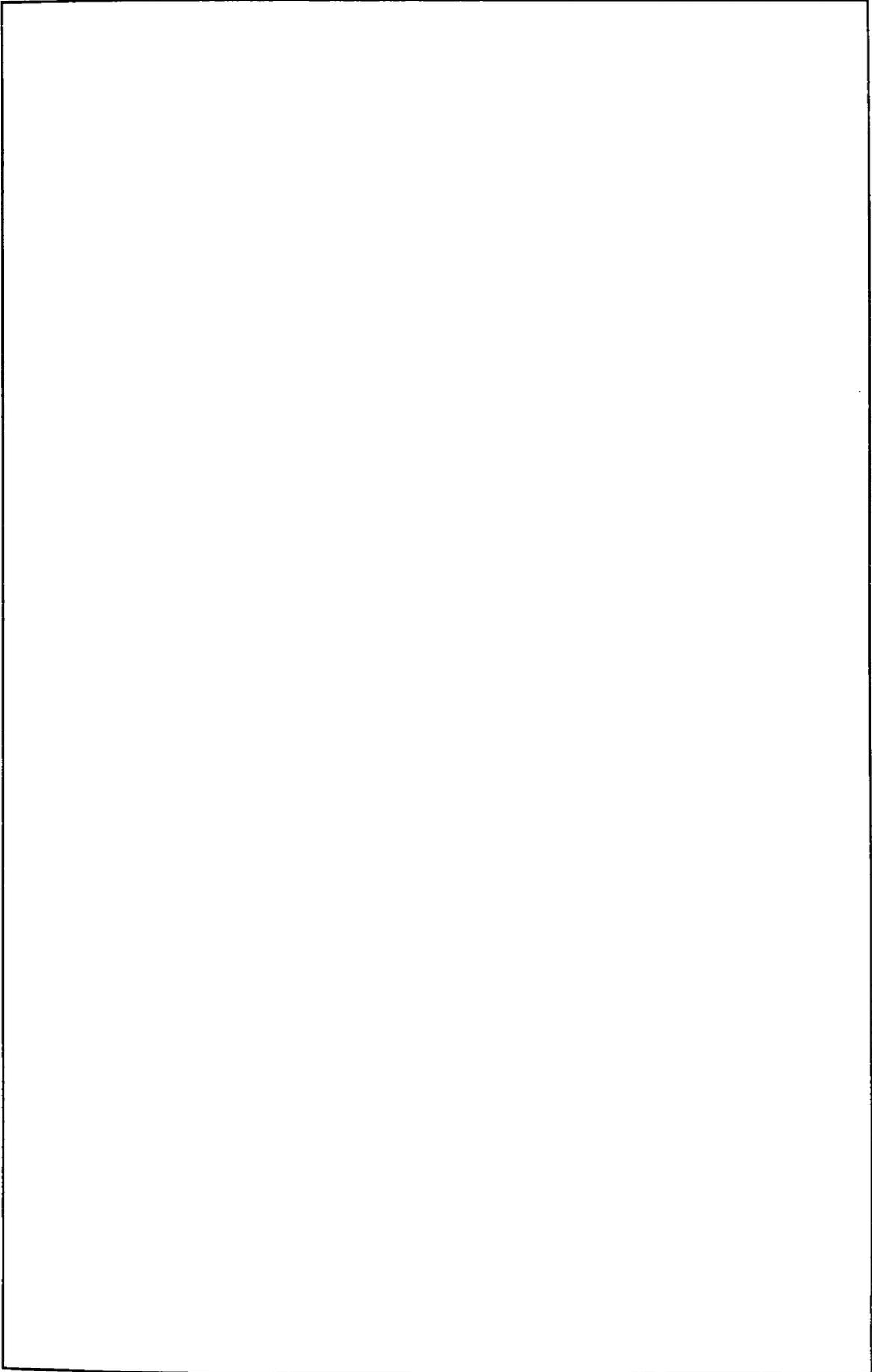
— Pimpa, não ponhas o açúcar primeiro. Primeiro deita-se o leite e depois o açúcar.

Eu sei que o meu pai está certo porque eu desperdiço comida. A minha mãe também tem razão — eu realmente su-
5 jo tudo quando estou a comer. Ambos têm razão — só faço disparates. Mas a Miriam irrita-me cá duma maneira! Que diferença é que faz se eu ponho o açúcar antes ou depois?

Há muitas coisas que estão certas e outras que estão erradas, mas *algumas* coisas não me parecem nem uma coisa
10 nem outra.

Às vezes ponho-me a pensar o que é que a Miriam faria se eu lhe dissesse que pé é que ela devia calçar primeiro. E se eu lhe dissesse que ela só podia espirrar uma vez e não duas, ou que só podia roer as unhas da mão esquerda e não as da
15 direita, será que ela ia gostar?

Agora também lhe vou pregar uma mentira. Vou dizer-lhe que as pessoas que espremem a pasta de dentes por cima em vez de apertarem por baixo ficam com as pálpebras todas peludas. "Pálpebras peludas, oh que horror!".



CAPÍTULO TRÊS

Estava eu a observar o Bruno pelo canto do olho quando vi a Vilma chegar ao pé dele e pegar-lhe na mão. Ela levou-o até ao cantinho da leitura e sentaram-se os dois nuns banquinhos. Ela falava muito baixinho enquanto ele olhava.

5 Eu não consigo parar de pensar por que é que será que uma pessoa deixa de falar. Eu estou sempre a falar, *nunca* páro. Por isso é que nem sequer consigo *imaginar* como é que será estar o tempo todo em silêncio.

A Isabel estava a ler um livro, mas eu interrompi-a:

10 — Ó Isabel, por que é que as pessoas falam?

A Isabel franziu os lábios e respondeu devagarinho:

— Eu acho que as pessoas falam porque querem que os outros saibam o que elas pensam e sentem.

15 — Mas supõe que elas não *querem* que as outras pessoas saibam o que elas pensam e sentem? — perguntei eu.

Isabel pensou um bocadinho e respondeu:

— Nesse caso, são capazes de deixar de falar.

* * *

Nessa altura o Tomás veio ter comigo e disse-me:

— Ó Pimpa, sabes que eu não consigo pensar em nenhuma criatura misteriosa e a visita ao Jardim Zoológico é de 4^a feira a oito dias? Tu já escolheste alguma?

5 Eu respondi-lhe:

— Claro que escolhi, mas não penses que *te* vou dizer qual é. Nem a ti nem a ninguém.

— Eu não estou a pedir que me digas — resmungou ele — só estou a pedir que me dês uma sugestão. É que eu só consigo lembrar-me de gatos, cães, cavalos e vacas, e *esses* não estão no Jardim Zoológico.

Eu não sei porque é que disse aquilo. Não queria ser má, mas apeteceu-me gozar um bocadinho com ele. O Tomás às vezes também se mete comigo, por isso achei que tinha chegado a minha vez.

— Está bem — disse eu. — Então porque é que não escolhes um unicórnio para ser a tua criatura misteriosa?

— Um unicórnio? — perguntou ele.

Pela cara dele vi logo que nunca tinha ouvido falar de tal coisa.

— O que é isso?

— É como um cavalo, mas tem um chifre muito grande e ponteagudo no meio da testa.

— Bestial Pimpa, muito obrigado — disse o Tomás. — Eu estava mesmo a precisar de ajuda.

E eu pensei para comigo: "Esperem até ele começar à pro-

cura dum unicórnio no Jardim Zoológico. Vou adorar ver a cara dele quando descobrir que esse animal não existe!"

* * *

5

Era quarta-feira e eu só pensava no passeio ao Jardim Zoológico, na Isabel, no Tomás, no Bruno, na Vilma e nunca mais conseguia adormecer. Estava entretida a empurrar os
10 dentes com a língua, quando de repente me apercebi que tinha dois dentes a abanar. Estavam a abanar tanto que eu conseguia meter a ponta da língua entre eles e a gengiva. Saltei da cama a correr e fui pelo corredor fora a gritar:

— Mamã, mamã, os meus dentes estão todos a cair!

15 A minha mãe resmungou qualquer coisa e disse-me:

— Pois claro, querida, são os teus dentes *de leite*. Já te caíram alguns e com o tempo hão-de cair *todos*.

Então comecei a choramingar:

— Ó mamã, o que é que acontece se os meus dentes de
20 leite caírem todos e não me crescerem outros novos?

Mas antes que a minha mãe pudesse responder, o meu pai disse:

— Se isso acontecer arranjam-te uns dentes postiços.

Nessa altura imaginei-me a olhar para o espelho: "Nove
25 anos de idade e já com dentes postiços".

Depois perguntei-lhe:

— Ó papá, como é que um dente sabe quando tem de cair?

— Ele não sabe, ele é empurrado.

— E o que é que o empurra? É a minha língua?

5 — Não, os dentes que estão a nascer por baixo é que os empurram.

Eu fiquei a pensar naquilo e disse:

— Ó papá, se os dentes novos não crescerem , não os podemos *plantar* como plantamos uma árvore? Eles não iam
10 criar raízes como as árvores? Iam, não iam? — disse eu abanando o meu pai que já estava quase a adormecer.

— Dizem que se cortarmos o rabo a uma lagartixa volta-lhe a crescer um novo. Se lhe plantarmos um, também cresce, mas se em vez disso lhe pusermos um pé não sei o
15 que é que acontece, se o que nasce é um pé ou uma cauda.

— Ó papá, isso não faz sentido nenhum. O que é que o rabo das lagartixas tem a ver com os dentes das pessoas?

— A Pimpa tem razão, Raul — disse a minha mãe. — Uma coisa não tem nada a ver com a outra. E essa história de
20 plantar um rabo de lagartixa é mesmo verdade ou foi uma coisa que tu inventaste?

— Não me consigo lembrar onde é que eu li isso — respondeu o meu pai. — Não sei, se calhar inventei isto tudo.

Depois disto fiquei com tanto sono que já nem dei por
25 mais nada e adormeci entre o meu pai e a minha mãe. Sonhei com uma lagartixa que tinha perdido o rabo. Alguém

tinha lá plantado um pé mas este não sabia o que havia de ser quando crescesse, se um pé se um rabo. Estava tão confuso! Cada vez crescia mais e por isso sabia que tinha de se decidir rapidamente, mas não conseguia. E é tudo o que me
5 lembro do meu sonho.

* * *

Depois das aulas, eu e a Isabel fomos para casa dela. Ela
10 mora num 10º andar. Quando entrámos no elevador carreguei nos botões todos e o elevador foi a parar em todos os andares. As pessoas tiveram que esperar imenso e quando entravam vinham furiosas. Para a próxima já não volto a fazer o que fiz.

15 Quando lá chegámos só estava a mãe da Isabel e a irmã, a Cristina, que ainda não anda na escola, e me disse:

— Sabes, Pimpa, vamos passar o Natal a casa da minha avó.

Eu achei que faltava ainda muito tempo para o Natal, mas
20 respondi-lhe:

— Que bom. E quem é que lá vai estar?

A Cristina ficou um bocado atrapalhada e olhou para a Isabel como que a pedir ajuda. Foi então que a Isabel respondeu:

25 — A família.

E a Cristina repetiu:

— A família.

— Mas quem? — perguntei eu. — Os vossos tios?

— Claro — replicou a Isabel. — E os meus primos também vão estar lá todos.

5 — E a família — acrescentou a Cristina.

A Isabel riu-se:

— Não, Cristina, não digas *e* a família. A família não é uma coisa que se possa *acrescentar* a nós, à avó, aos primos e aos tios.

10 A Cristina olhou espantada para a Isabel e eu vi logo que ela não tinha compreendido nada do que a irmã tinha dito.

— Deixa-me tentar explicar-lhe — disse eu. — Olha, Cristina, quando os teus parentes estão todos juntos dizemos que são a tua "família".

15 — Ah — fez a Cristina — e quando não estão juntos? Ainda são a minha família?

— Claro que são — disse a Isabel.

— Então a minha família é composta por pessoas que estão ligadas a mim? — perguntou a Cristina.

20 — É isso mesmo, todos os teus parentes e só eles — disse eu.

A Cristina olhou para mim e perguntou:

— E tu também tens uma família?

— Claro que tenho — respondi. — Todas as pessoas da
25 minha família são meus parentes, tal como todos os da tua família são teus parentes.

— As tuas tias, os teus tios e os teus primos é que são a tua família?

— São — respondi.

— Mas são pessoas diferentes da *minha* família?

5 — Claro.

— Então isso quer dizer — perguntou a Cristina — que todas as famílias são parecidas, só que têm pessoas diferentes?

Olhei para a Isabel e ela olhou para mim. Por fim, suspirando, voltou-se para a irmã e disse:

10 — Eu acho que o que tu queres dizer é que as pessoas que não são da mesma família são diferentes, mas as relações são as mesmas.

A Cristina franziu a testa e fez uma cara de quem não tinha percebido nada.

15 — Olha Cristina — disse eu — tu és a filha da *tua* mãe e eu sou a filha da *minha* mãe. Nós somos *pessoas* diferentes, mas somos ambas *filhas*.

— Já percebeste? — perguntou a Isabel — a Pimpa tem uma relação de mãe-filha na família *dela* e nós temos uma
20 relação mãe-filha na *nossa* família.

A Cristina não disse nada. Olhou para nós as duas com um ar tão sério, para ver se descobria o que é que nós queríamos dizer com aquilo, que a irmã até se riu.

Depois, já um pouco impaciente, a Isabel disse:

25 — Olha Cristina, nós somos membros da *nossa* família e a Pimpa é membro da família *dela*.

Durante uns instantes fez-se silêncio, mas ao fim de alguns segundos a Cristina perguntou:

— Se toda a família vai jantar a casa da avó no Natal então os membros da família também lá vão estar?



CAPÍTULO QUATRO

Na manhã seguinte, a minha mãe tinha começado a *fazer* fatias douradas e estava de costas viradas para nós. Eu ia a meter uma fatia na boca, mas parei e fiquei a olhar para a Miriam, a vê-la comer.

5 Ao princípio, a Miriam fingiu que não me via mas de repente gritou:

— Ó mãe, lá está ela outra vez a olhar para mim! Diz-lhe para ela parar com isso!

Sem se virar, a minha mãe disse:

10 — Pimpa, deixa de arreliar a tua irmã!

Mas eu continuei a olhar, pois achava que não estava a *fazer* mal nenhum, só estava a olhar.

— A Miriam então deu-me um pontapé nas canelas, mesmo abaixo do joelho. Não me doeu nada, mas comecei a gritar e a chorar e não havia meio de me calar. A minha mãe
15 virou-se para trás e ralhou com a Miriam. Senti-me logo melhor, mas continuei a gritar.

— Ó mãe, ela também está sempre a chatear-me — disse a Miriam.

Eu estava sentada no chão agarrada à perna. A minha mãe baixou-se e, olhando para mim, pegou-me na mão e
5 perguntou-me:

— Oh Pimpa, mas porquê? Porque é que isto acontece sempre?

Eu funguei e disse:

— Porque acontece o quê?

10 — Por que é que não te dás bem com a tua irmã?

— Por que é que não lhe perguntas a ela por que é que não se dá bem comigo?

— Ela fez-te alguma coisa?

Quando a minha mãe me fez aquela pergunta, eu lembrei-
15 -me duma coisa que já me tinha esquecido há muito, muito tempo.

— Claro que fez — gritei eu muito alto, apontando para a minha irmã com o dedo.

Ela olhou para mim muito espantada com ar de quem não
20 fazia a mínima ideia por que é que eu estava assim tão zangada.

— No ano passado — disse eu — lembras-te quando a mãe da Lena, que mora aqui ao lado, deu aquela festa? Ela disse à Miriam para me convidar, e a Miriam foi tão má que
25 nem sequer me *disse* nada. Eu só soube disso no dia seguinte, quando as ouvi falar no assunto. Nessa altura fui para o

roupeiro do teu quarto, fechei a porta e fiquei lá sentada a chorar, no meio dos sapatos, mais de duas horas. Chorei em cima dos sapatos todos.

A Miriam ficou de boca aberta e a minha mãe perguntou:

5 — Foi isso que aconteceu, Miriam?

Mas a Miriam respondeu logo:

— Não foi nada disso, mãe! A Lena fez uns convites para nós as duas e até tencionava vir cá trazê-los. No caminho encontrou-me e deu-me logo o meu. Como depois ainda ficámos a conversar imenso tempo, ela acabou por se esquecer do que vinha cá fazer e voltou para casa sem entregar o convite à Pimpa. Só passados dois dias é que descobriu que se tinha esquecido e ficou tão envergonhada de contar à Pimpa o que se tinha passado que já não lhe quis dizer nada.

15 A minha mãe olhou para mim e disse:

— Estás a ver, Pimpa?

Eu não respondi. Não queria acreditar que tivesse sido só um esquecimento, porque preferia pensar que a culpa tinha sido da Miriam.

20 — Lembra-te que ela é tua irmã, Pimpa, e tu és irmã dela — acrescentou a minha mãe.

Então resmunguei:

— Mas eu não *quero* ser irmã dela. Preferia que a Isabel fosse minha irmã.

25 Nessa altura a Miriam disse:

— Mas nós *temos* de ser irmãs, porque temos os mesmos

pais. Ó Pimpa, tens de estudar melhor essas relações familiares.

Fiquei ali sentada, ainda um bocado, com as mãos no queixo e um ar amuado. No fim disse:

5 — Mas isso não quer dizer nada. Se nós não podemos ver ou tocar numa coisa é porque ela não é real. E toda a gente sabe que não se pode ver nem tocar nas relações. Por isso elas não podem ser reais.

10 — Ó mãe — chamou a Miriam — olha só o que a Pimpa está a dizer! Ela diz que as pessoas não podem ver as relações! Mas toda a gente vê que eu sou mais alta do que ela, e "ser mais alta que" é uma relação. E toda a gente pode ver que eu estou perto de ti e "estar perto de" é uma relação, não é?

15 Eu levantei-me e disse:

— As pessoas são reais e as coisas são reais, mas as relações estão apenas na nossa cabeça.

— Ó Pimpa, mas como é que podes ter tanta certeza? — perguntou a minha mãe.

20 — Porque ninguém, por mais que olhe para mim, é capaz de dizer se eu sou ou não prima ou sobrinha de alguém, mas se olharem para mim podem ver perfeitamente que eu sou baixa e magra.

A minha mãe então respondeu:

25 — Olha que eu não tenho assim tanto a certeza se as relações podem ou não ser vistas. Lembras-te quando eu digo:

"Tu és mesmo filha do teu pai, tens a boca dele"?

— Pois é — respondi — e o papá também costuma dizer que eu tenho os teus olhos. Mas, e a Miriam? O papá diz que ela tem os olhos *dele* e a *tua* boca. Como é que isso pode
5 ser?

— Nós não temos de ser todos parecidos para sermos da mesma família — respondeu a minha mãe.

Nessa altura, a Miriam franziu o nariz e perguntou:

— Ó mamã, então a Pimpa tem razão quando diz que uma
10 coisa não é real se não puder ser vista nem tocada?

— Acho que isso depende do que quisermos dizer com "real" — respondeu a minha mãe.

— Ó mamã — perguntei — por que é que não nos dizes quem é que tem razão e quem é que não tem?

15 A minha mãe respondeu:

— E é preciso que uma tenha razão e a outra não?

Ainda estou a tentar perceber o que é que ela queria dizer com aquilo.

20

* * *

Já sei que querem que eu continue a história do Jardim Zoológico, aquela em que o passeio me fez pensar. Mas essa é a minha "história misteriosa" e por isso não a posso ainda
25 contar. Se calhar nem nunca a irei contar. Será que conseguem adivinhar de que é que trata a minha "história miste-

riosa"? Aposto que nunca vão conseguir. E mesmo que adivi-
nhassem eu não vos dizia se estavam certos. Por isso, bem
feito! Mais tarde pode ser que eu vos diga a *razão* porque não
vos contei a minha história misteriosa, mas isso só se eu
5 nunca chegar a contá-la.

Agora voltemos à história de como eu inventei a minha
história misteriosa.

* * *

10

Ah, há uma coisa que eu me esqueci de contar. Lembram-
-se da Miriam me ter dado o pontapé por causa de eu estar a
olhar para ela e da minha mãe lhe ter ralhado? Depois disso
a minha mãe ainda lhe disse:

15 — Miriam, isso não é desculpa!

Mas eu disse logo:

— Ó mãe, por acaso *é* uma desculpa, só que *não passa*
disso.

— Mas Pimpa — disse a minha mãe — se uma pessoa ti-
20 ver uma desculpa para aquilo que faz, então é porque tem
uma *boa razão* para o fazer.

— Ó mamã — disse eu — se eu magoasse o dedo na es-
cola e depois dissesse ao professor que por causa disso tinha
de vir para casa, toda a gente ia perceber que eu estava a
25 utilizar o meu dedo como uma desculpa. Uma desculpa não é
uma *boa razão* mas sim uma *má razão*!

— Ai Pimpa — disse a Miriam — tu estás sempre a complicar tudo.

E eu respondi:

— Eu não estou a complicar, estou só a fazer uma pergunta. Isso é algum crime?

Foi nessa altura que a Miriam se queixou que eu estava sempre a irritá-la. Como se alguém pudesse aceitar que *isso* era desculpa para ela me ter dado um pontapé.

10

* * *

Saltei para o colo do meu pai, tirei-lhe os óculos e experimentei-os. Não conseguia ver nada com eles e por isso voltei a colocar-lhos no nariz. Ele não disse nada mas olhou para mim, por cima dos óculos, enquanto a Miriam nos observava com as mãos na cintura.

— Ouvi dizer que vais ao Jardim Zoológico — disse o meu pai.

— Ó papá, eu já te disse isso dezenas de vezes! Esqueceste-te de tudo o que eu te disse!

— Não, não me esqueci — respondeu-me ele — sei que tens de pensar numa criatura misteriosa e inventar uma história misteriosa sobre uma coisa em que o passeio te faça pensar.

25 Abracei o meu pai com toda a força e disse:

— Ó papá, tu és mesmo querido! Queres que eu te diga

qual é a minha criatura misteriosa?

— Não, se é um segredo, não quero. Também sei que não me podes contar a história porque ainda não foste ao Jardim Zoológico.

5 Dei-lhe outro abraço e disse:

— Coitadinho do meu papá!

— Coitadinho porquê? — perguntou-me.

— Porque estás a pensar que eu primeiro tenho de ir ao Jardim Zoológico e só *depois* é que posso inventar uma his-
10 tória sobre aquilo em que o passeio me faz pensar.

— E não é assim? Então em que é que o passeio te fez pensar?

— Tu é que tens de adivinhar — respondi-lhe. — Mas eu dou-te uma pista. O Jardim Zoológico fez-me pensar na dife-
15 rença que há entre os animais que pensam e os que não pensam. Também fiquei a pensar como é que será que o pensamento começa e donde é que ele virá.

— Ah é só isso? — disse o papá. — Bem, então acho que não vais ter grande problema em inventar uma história sobre
20 *isso!*

Eu ri-me, mas não lhe disse que *já* tinha a minha história toda inventada!

Foi nessa altura que o gato atravessou a sala a correr. Saltei do colo do meu pai e corri a gritar atrás dele. Quando
25 voltei o meu pai disse-me:

— Pimpa, por que é que *gritas* tanto? Tu nunca *me* vês a

correr e a gritar assim pela casa fora, pois não?

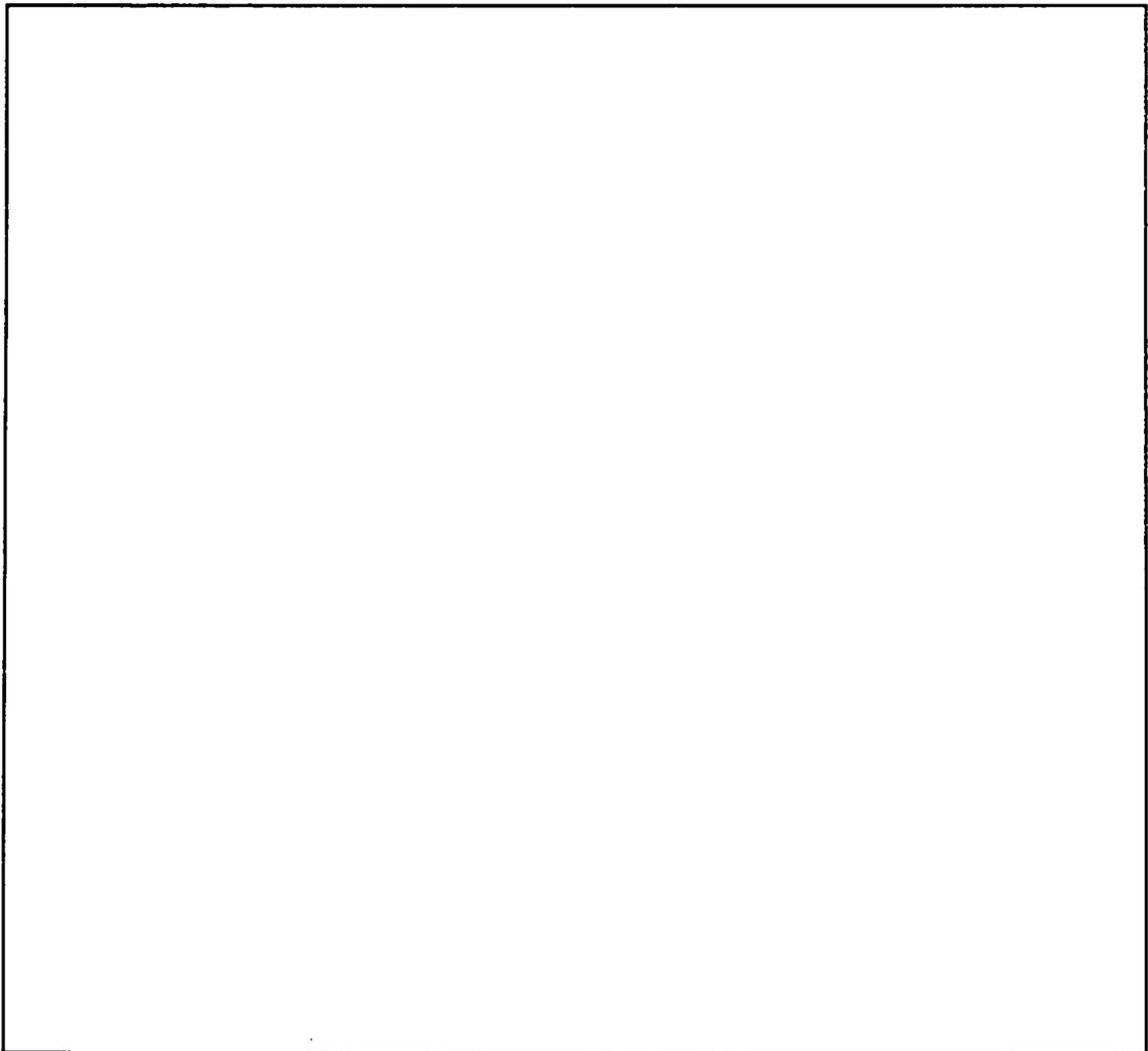
— Não, mas tu não *fazias* o mesmo quando tinhas a minha idade? — perguntei-lhe.

— Acho que sim, mas isso não quer dizer que estivesse
5 certo — respondeu-me.

— Já sei que só porque tu o fizeste, isso não é desculpa para eu também o fazer. Mas...

— Mas o quê? — perguntou o meu pai.

— É que se naquela altura não foi errado para ti, talvez
10 agora também não seja errado para mim, é só isso!



CAPÍTULO CINCO

Depois de termos ido para a cama e apagado a luz, perguntei à Miriam:

— Ó Miriam, para onde é que vai a luz quando a apagamos? Nós dizemos que se vai embora, mas para onde é que
5 ela vai realmente?

A Miriam respondeu:

— Ela vai dormir e tu devias fazer o mesmo.

— Ó Miriam, a sério — insisti eu — para onde é que ela
vai?

10 — Vai para o mesmo lugar donde vem o escuro — respondeu-me — e agora deixa-me em paz.

— Queres dizer que o escuro vem do espaço tal como os fantasmas e outras coisas desse género?

A Miriam não me respondeu e por isso continuei:

15 — *Sabes* muito bem que eu não acredito nessas coisas.

A Miriam virou-se e olhou para mim.

— Primeiro não acreditas nas relações e agora não acreditas no espaço. Mas há alguma coisa em que tu *de facto* acredites?

5 — És uma chata — disse eu. — Quando eu faço uma pergunta sobre qualquer coisa tu dizes logo que eu não acredito nela. Tu és uma desmancha-prazeres.

E com isto virei-me para o outro lado e adormeci. Mas antes disso ainda disse para mim mesma: "Espaço! É só uma
10 *palavra!* É só vazio! As pessoas falam dele como se fosse alguma coisa, mas realmente não é *nada!* E agora não vou pensar mais no que a Miriam disse sobre as relações e sobre o espaço porque agora o que me interessa é a minha criatura misteriosa, a minha história misteriosa e os meus mistérios
15 todos. Eu não sabia muito bem que *outros* mistérios é que eu poderia ter, mas pensei que a Miriam nunca ia perceber.

* * *

20 Na manhã seguinte fiquei na cama enquanto a Miriam se vestia.

— Acho melhor despachares-te e vestires-te — disse ela.—

O que é que tens hoje?

— Nada — respondi. — Estou só a pensar.

25 — Podes pensar e vestir-te ao mesmo tempo — disse ela.

Fiz de conta que não a ouvia e disse:

— Estou a pensar que neste preciso momento, em toda a cidade, as pessoas estão a levantar-se, a vestir-se, a tomar o pequeno-almoço e a preparar-se para ir para a escola. Neste momento a Isabel deve estar a lavar os dentes, a Vilma a comer uma torrada e o Bruno a apertar os atacadores. E eu
5 estou aqui deitada na cama a pensar neles.

A Miriam olhou para mim com um ar trocista e disse:

— E eu estou perto de ti e eles estão longe de ti.

— Hum! — fiz eu.

10 — E sabes que mais? "perto de" e "longe de" são *relações*. E não são umas relações quaisquer, são relações *de espaço*. E para tua informação é muito mais tarde do que tu julgas e "mais tarde que" é uma relação de *tempo* e se não te levantas imediatamente vou dizer à mamã.

15 — Tempo — gritei eu. — É como o *espaço*! É apenas uma palavra!

A Miriam não me ligou e limitou-se a dizer:

— Olha, Pimpa, já é tarde e a escola ainda fica longe. Quando falamos de tempo podemos querer dizer mais cedo
20 ou mais tarde. Quando falamos de espaço queremos dizer perto ou longe. Percebes?

Naquele momento foi como se uma luz se acendesse no meu espírito.

— Ah — gritei — *já* percebi o que querias dizer há bo-
25 cado. *Agora* compreendo do que são feitos o espaço e o tempo. O espaço é feito de relações espaciais e o tempo é feito

de relações temporais. Não era isso que me estavas a dizer?

A Miriam disse apenas:

— Não sei. Porque é que não perguntas ao professor Mateus? Se é que hoje ainda chegas às aulas.

5

* * *

— Ó professor — perguntei — o que é uma relação?

Ele primeiro fez "Hum" mas depois disse:

10 — Acho que podias dizer que é uma ligação. Mas é melhor perguntarmos aos outros o que são relações.

A Isabel disse logo:

— Nas relações familiares, a relação é o que liga as pessoas da mesma família umas às outras. Por exemplo, se as
15 pessoas são irmãs essa é a relação que existe entre elas.

O Rui disse:

— Nos números também há relações. Um número pode ser menor, maior ou do mesmo tamanho que outro.

— Mas não podem haver dois números do mesmo
20 tamanho — disse a Rita — eles seriam o mesmo número.

— As palavras também se ligam umas às outras — disse a Joana. — Por exemplo, na frase "os cães ladram", o sujeito está ligado ao verbo.

— E as coisas também se relacionam entre si — disse o
25 Tomás. — A roda tem uma relação com o carro, o dedo com a mão e a porta com a casa.

Nessa altura o Rodrigo desatou aos pulos:

— Eu sei outra, eu sei outra! As palavras também têm relações com as coisas. A palavra "montanha" tem uma relação com todas as montanhas que existem. E a palavra
5 "China" tem uma relação com o país chamado China.

O professor ficou à espera de mais alguns exemplos, mas como ninguém deu mais nenhum, disse:

— Vocês foram ótimos. Pimpa, achas que te ajudámos?

— Os exemplos foram bons — respondi. — Mas eu conti-
10 nuo sem saber o que são as relações.

O professor passou a mão pelo cabelo e perguntou:

— Ainda te lembras do que eu disse?

Olhei para ele com um ar muito infeliz e resmunguei:

— Nunca me explicam nada. Tenho de descobrir sempre
15 tudo sozinha.

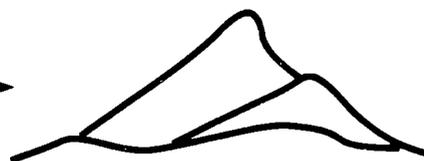
* * *

Primeiro pensei que o Bruno não queria ir para casa, mas
20 depois, quando vi que estava parado a olhar para mim, percebi que devia estar distraído a pensar nalguma coisa. Saíram todos da aula e só fiquei eu, o Bruno e o professor.

O Bruno foi até ao quadro e escreveu isto:

25

montanha



— Ah... — exclamei eu — acho que já percebi o que é que tu queres dizer. Isso tem a ver com aquilo que o Rodrigo disse há bocado. Temos a palavra "montanha" e a montanha, a seta significa a relação entre a palavra e a coisa.

5 O Bruno sorriu, coisa que eu não me lembro nunca de o ter visto fazer. Depois foi outra vez até ao quadro, pegou novamente no giz e escreveu:

As montanhas estão *longe*.

As casas estão *perto*.

10 *Longe e perto* são relações espaciais.

Eu fiquei excitadíssima com aquilo e desatei a bater as palmas:

— Eu também sei fazer isso!

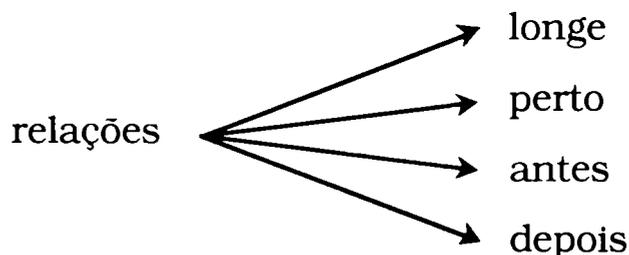
E escrevi:

15 Hoje é *antes* do passeio ao Jardim Zoológico.

A semana que vem é *depois* do passeio ao Jardim Zoológico.

Antes e depois são relações temporais.

20 O Bruno sorriu novamente e eu fiquei muito contente por ter conseguido fazê-lo sorrir. Entretanto ele teve outra ideia, voltou ao quadro e escreveu:



— Ó Bruno — perguntou o professor — o que tu estás a querer dizer é que a palavra "relações" tem uma relação com longe, perto, antes e depois da mesma maneira que a palavra "montanha" tem uma relação com as montanhas verdadeiras?

O Bruno fez que sim com a cabeça.

Eu perguntei:

— Ó professor, acha que podemos dizer que a palavra "montanha" e a ideia "montanha" estão na nossa mente, e que as montanhas reais estão no mundo?

— É uma maneira de pôr o problema — respondeu-me ele.

— Nesse caso, será que também podemos dizer que a palavra "relação" e a ideia de "relação" estão nas nossas mentes mas as relações reais estão no mundo?

— Na minha opinião também podes dizer isso — disse ele.

— E será que relações como *antes* e *depois* fazem o tempo?

— De certa maneira penso que sim — respondeu o professor.

Nessa altura comecei a ver aonde é que isto me ia levar e por isso continuei:

— E acha que o espaço também é feito de relações como *longe* e *perto*?

Ele fez que sim com a cabeça enquanto o Bruno olhava para mim com um ar muito espantado.

— Bem — disse eu — então será possível que, tal como o espaço e o tempo são feitos de relações, também as nossas mentes são feitas de palavras e ideias que *representam* essas relações?

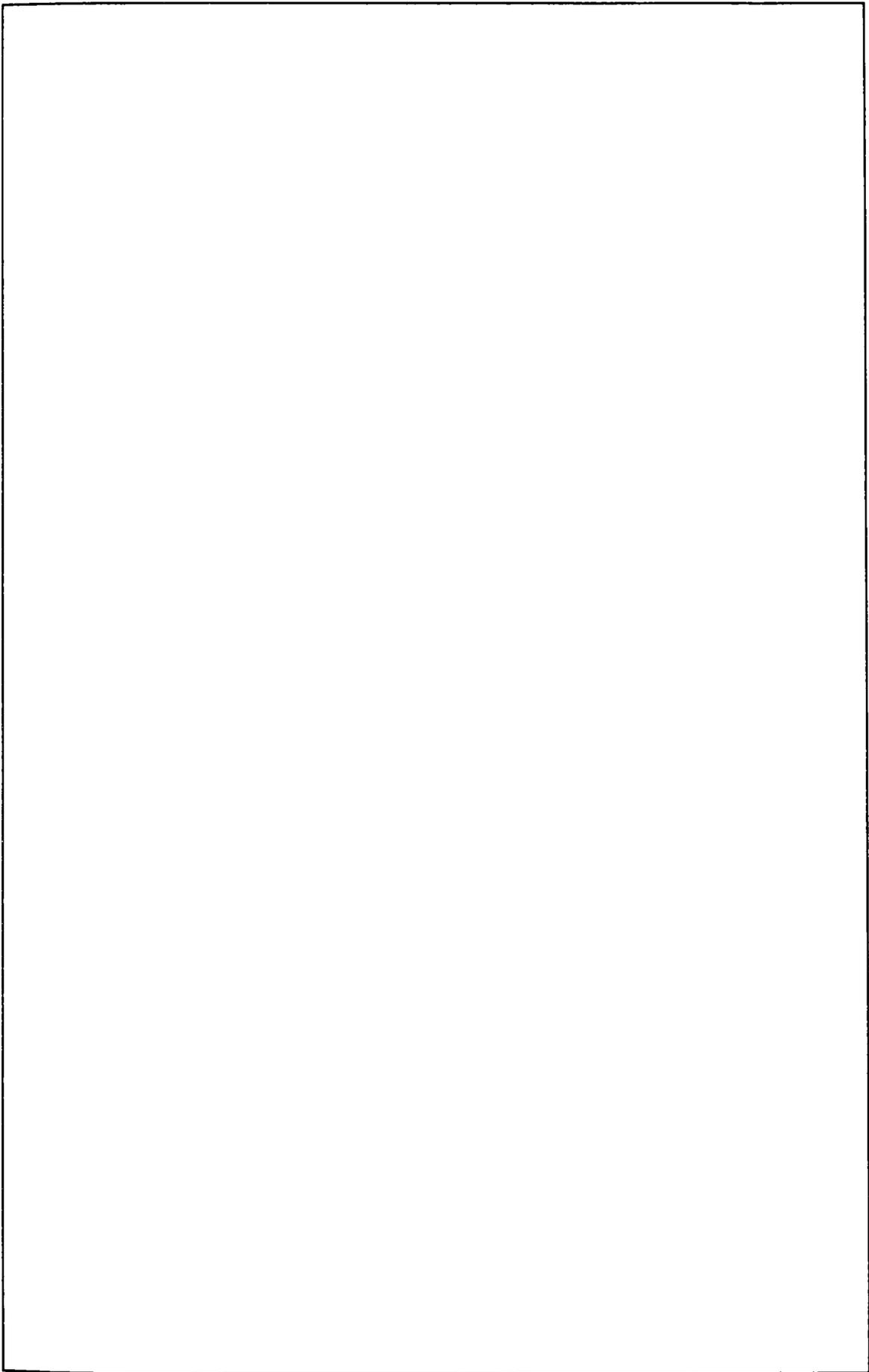
5 — Essa é uma bela analogia, Pimpa — disse o professor.

— Não percebo — respondi. — O que é uma analogia?

Ele olhou para o relógio e disse:

— Oh meu Deus! Falta um quarto para as quatro! A reunião de professores começou há quinze minutos! Ó
10 Pimpa, eu vou ter de te explicar isso noutra altura!

E dizendo isto saiu a correr da sala. Um segundo depois voltou a entrar, agarrou num monte de papéis que estavam em cima da secretária e saiu novamente a correr. Quando passou por nós, ainda o ouvi dizer para consigo: "O espaço e
15 o tempo são dimensões. Mas será que a mente..."



CAPÍTULO SEIS

Quero contar-vos o que aconteceu na 3ª feira à noite. Lembro-me que não conseguia adormecer e que comecei a fazer perguntas a mim própria do género: "Que dia é de hoje a cinco dias?", "Que dia foi há três dias?" e "Que dia será dois
5 dias antes de daqui a seis dias?"

Também me lembro que mesmo antes de adormecer estava a pensar: "Se hoje é 3ª feira, então amanhã tem de ser 4ª. E se amanhã é 4ª feira então é amanhã o passeio ao Jardim Zoológico".

10 A meio da noite acordei e sentei-me na cama com os olhos muito abertos. Não é que estivesse com medo, como acontece às vezes à noite, mas de repente tinha-me lembrado: 4ª feira! O passeio ao Jardim Zoológico! É hoje!

Olhei para o relógio que estava na cómoda. O mostrador é
15 dos luminosos: eram quatro e meia da manhã! Já não ia conseguir adormecer e por isso decidi vestir-me.

A Miriam ainda estava a dormir. Pelo menos foi o que eu pensei, mas nunca tenho bem a certeza. Acontece muitas vezes ela pensar que eu estou a dormir e eu não estou. Por isso também era possível que ela estivesse só deitada a fingir
5 que dormia. De qualquer maneira pensei que se ela *estivesse* a dormir não seria boa ideia acordá-la e por isso não acendi a luz.

Já alguma vez experimentaram vestir-se às escuras? Só vos digo que não é nada fácil. Por exemplo, como é que sa-
10 bemos de que cor são as meias?

Eu ainda não devia estar muito bem acordada, porque calcei o primeiro par de meias que me veio parar às mãos. Depois comecei à procura dos sapatos que costumo pôr de-
baixo da cama. Tenho dois pares, uns mais novos e outros
15 que uso todos os dias e guardo-os sempre ao lado um do outro.

Primeiro calcei o pé direito e ele entrou lindamente. Depois tentei calçar o pé esquerdo, mas o sapato não me servia. Forcei, mas o pé não entrava de maneira nenhuma. De re-
20 pente apercebi-me do que tinha acontecido. Não conseguia calçar o sapato esquerdo no pé esquerdo porque o pé esquerdo se tinha transformado num pé direito. Isso devia ter acontecido enquanto eu estava a dormir. Mas dois pés direi-
tos! Onde é que já se ouviu falar duma pessoa com dois pés
25 direitos? E pensei cá para mim: "Como é que eu agora vou ao Jardim Zoológico se só consigo calçar um sapato?" Já me es-

tava a ver pelo Jardim Zoológico fora a saltar ao pé coxinho. Ainda iam pensar que eu era algum flamingo ou outra coisa parecida.

Não havia outro remédio — eu tinha mesmo que ir ter
5 com a minha mãe e acordá-la para lhe contar o que tinha
acontecido. Só que ela tem um sono muito pesado.

Primeiro chamei baixinho:

— Mamã, mamã!

Depois bati-lhe no ombro, mas mesmo assim ela não
10 acordou e por isso tive de lhe abrir os olhos e dizer:

— Mamã, estás aí?

Mas nem assim ela acordou. Voltei então para o quarto e
sentei-me na borda da cama.

Comecei a descalçar as meias, mas depois tornei a calçá-
15 -las para experimentar de novo os sapatos. O quarto estava
muito escuro. Quando tentei o pé esquerdo nem queria
acreditar. Imaginem que desta vez o sapato já entrava perfei-
tamente. Fiquei tão contente que nem consigo explicar. O
meu pé tinha voltado à forma do costume. Depois tentei cal-
20 çar o outro sapato no pé direito e ia morrendo — agora era
este que não entrava.

Atirei com os sapatos e corri para o quarto dos meus pais.
Mas desta vez não segredei... gritei:

— Mamã! Mamã! Os meus pés estão sempre a mudar.

25 Primeiro eram dois pés direitos e agora transformaram-se em
dois pés esquerdos.

O meu pai levantou-se e acendeu a luz. Quando a minha mãe acordou disse que aquilo devia ter sido um pesadelo, mas o meu pai explicou-lhe que eu devia ter trocado os sapatos no escuro. No fim explicou-me também que o passeio ao
5 Jardim Zoológico não era *naquela* 4ª feira mas só na *seguinte*.

Tudo isto se passou sem que a Miriam tivesse acordado. Ela dorme como uma pedra! Mas mesmo assim, não sei como, é que ela consegue puxar os cobertores todos para cima dela.

10

* * *

O Manel trouxe um modelo dum helicóptero para nós vermos.

15 — É igual àqueles que os jornalistas usam quando fazem reportagens — explicou ele.

— As partes são exactamente iguais às dum helicóptero verdadeiro.

— Só que mais pequenas — disse o Tomás.

20 — Claro — concordou o Manel — só que mais pequenas.

A Isabel acrescentou:

— As *partes* são as mesmas e as *relações* entre elas também são as mesmas. É por isso que lhe chamamos um "modelo".

25 O Gil franziu as sobrancelhas e disse:

— As crianças são mais pequenas que os adultos. Será

que elas também são modelos? As partes do corpo são as mesmas e as relações entre elas também são.

A Isabel desatou a rir e respondeu:

— Claro que não! Existem modelos de barcos e modelos
5 de aviões mas não há modelos de crianças!

O Tomás, que estava a fazer um avião de papel, parou e perguntou:

— Será que existem duas coisas em que as relações são as mesmas mas as partes são diferentes?

10 Ninguém respondeu. Começámos todos a pensar num exemplo, mas ninguém conseguiu. O Bruno, que estava perto do quadro, esticou o braço para chegar ao mapa de Portugal, e puxou-o.

— Aí está um bom exemplo! — exclamou a Rita — As partes
15 são diferentes, porque as cidades no mapa são pontos enquanto as cidades verdadeiras têm prédios. No entanto as *relações* são as mesmas.

— Em que sentido? — perguntou o professor.

Mas a Rita não conseguiu responder e encolheu os om-
20 bros. O Rodrigo então gritou:

— Já sei! Já sei! A cidade do Porto fica ao norte da cidade de Lisboa e no mapa, o Porto também fica a norte. Por isso a relação é a mesma.

— Está acima — disse o Rui.

25 — Não Rui, no mapa isso *quer dizer* "a norte" — esclareceu o Rodrigo.

Ó professor — perguntei eu — então quando comparamos duas coisas que têm as mesmas relações mas partes diferentes, como é que isso se chama?

— Acho que é uma *analogia* — disse ele. — Já agora vejam se conseguem dar-me um exemplo duma analogia.

— É fácil — disse a Isabel — a relação da asa com o pássaro é a mesma que a relação da barbatana com o peixe.

A Joana acrescentou:

— Vejam lá este: a relação das asas da chávena com a chávena é a mesma que a duma maçaneta com a porta.

— A lâmpada está para a luz como o fogo está para o calor — disse o Gil.

O Manel virou-se para ele e disse:

— Não percebo. Qual é a relação?

— A lâmpada dá luz tal como o fogo dá calor — respondeu o Gil.

— Mas não é a mesma coisa — argumentou o Manel.

— E não *tem* que ser a *mesma* coisa! — replicou o Gil. — Só tem que ser *semelhante*.

— Ele tem razão? — perguntou o Manel ao professor. — Numa analogia a comparação não tem que ser exacta?

— Não — respondeu o professor. — O Gil tem razão. As relações que se comparam não têm que ser exactamente iguais. Podem ser apenas similares.

— Mas *podiam* ser exactamente iguais, não podiam? — perguntou o Manel.

Foi então que o Rodrigo interrompeu:

— Claro! — Suponham que eu dizia: "Dois está para quatro assim como quatro está para oito". As duas relações seriam exactamente iguais. Em ambos os casos temos um
5 meio.

Quando eles acabaram eu pensei cá para mim: "Vês, Pimpa, agora já sabes o que é uma analogia. Se não viesses à escola como é que ias descobrir que aquilo que estás sempre a fazer é uma analogia?"

10

* * *

No dia seguinte, à hora do almoço, eu e a Isabel encon-
15 trámos a Rita e o Gil a saírem do refeitório e perguntámos:

— O que é o almoço?

— Carne picada com esparguete — disse a Rita.

— E a sobremesa? — perguntei eu.

— Gelatina de morango — respondeu o Gil.

20 Eu e a Isabel fomos para a bicha. Entretanto o Bruno chegou e ficou ao pé de nós.

— Ó Bruno, aposto que não gostas de esparguete — disse-lhe.

Eu só estava a tentar meter conversa, mas ele limitou-se a
25 encolher os ombros.

Levámos o tabuleiro para uma mesa ao canto da sala. Eu

e a Isabel começámos logo a comer, mas o Bruno não. Ficou ali parado como se tivesse que pensar primeiro um bocadinho e só depois pudesse começar a comer.

Durante o almoço contei à Isabel a conversa sobre relações que eu e o Bruno tínhamos tido com o professor no fim da aula.

— As minhas relações preferidas são as comparações — disse a Isabel. — Sempre que comparamos uma coisa com outra estamos a estabelecer relações.

10 O Bruno continuava a comer.

— Não percebo — disse eu.

— Então olha, se eu disser que a Rita corre mais depressa que a Joana, estou a estabelecer uma relação porque estou a comparar a Rita com a Joana em termos de velocidade.

15 — Ah, já percebi — disse eu. — Se eu disser: "Este refeitório é maior que a minha sala de jantar" estou a comparar duas salas em termos de grandeza.

O Bruno vasculhou no bolso e tirou um lápis, já muito gasto, e um papel todo amachucado. Começou a roer a borracha do lápis e depois escreveu: "A manhã de hoje foi tão comprida como o rio Tejo".

Mastiguei o último bocado de esparguete que tinha no prato e disse:

25 — Ó Bruno, tu não estás a perceber. Não podes comparar uma manhã com um rio. São coisas diferentes. Uma coisa é tempo e a outra é espaço.

— Mas *são* ambas compridas — disse a Isabel passado um bocadinho.

— Claro — disse eu — mas de formas diferentes.

Quando voltámos para a aula contámos ao professor a
5 conversa que tínhamos tido ao almoço.

— Deixem-me ver se vos consigo ajudar — disse o professor. — Quando comparámos o helicóptero do Manel com um helicóptero real o que é que dissemos?

— Nós chamámos ao helicóptero do Manel um *modelo* —
10 disse a Isabel — porque os dois têm as mesmas partes e as mesmas relações.

— Ora bem, e o que é que dissemos do mapa de Portugal? — perguntou o professor.

— Nesse caso, como só as relações é que são iguais, cha-
15 mamos uma *analogia* — respondi.

— Mas o professor disse-nos que existiam analogias exactas — comentou a Isabel. — Por exemplo, se eu disser que na nossa turma há dois rapazes para cada três raparigas, o que é que chamamos a isso?

20 — Chamamos uma *razão* — disse o professor. — O exemplo que deste seria uma razão de 2 para 3, e podemos usar razões em analogias. Por exemplo, podemos dizer que 2 está para 3 assim como 4 está para 6.

A Isabel segredou-me:

25 — Estás a ver? Nas analogias dizemos "assim como".

E eu segredei-lhe:

— Não é nada disso! A questão é que "igual" é uma palavra de crianças e "assim como" é uma expressão de adultos. Depois virei-me para o professor e disse:

— Ó professor, o que é que acontece quando dizemos que
5 duas coisas diferentes são parecidas só porque têm alguma coisa semelhante?

— Bem — respondeu ele — isso foi o que o Bruno fez quando escreveu a frase "A manhã de hoje foi tão comprida como o rio Tejo". O que ele quis dizer foi que a manhã e o
10 Tejo eram similares em relação ao facto de serem compridos.

— Então e como é que chamamos a isso? — perguntou a Isabel.

— Um *símile* — respondeu o professor. — E também podíamos chamar um símile se ele tivesse escrito apenas "A
15 manhã *foi como* o Tejo".

— Mas suponha — disse eu — que uma pessoa pega em duas coisas diferentes e diz que uma delas *é* a outra. Por exemplo, imagine que eu digo "O Jaime *é* um porco" em vez de dizer "o Jaime come como um porco". Eu sei que a última
20 *é* um símile, mas como é que chamamos à *primeira*?

— Isso é o que chamamos uma *metáfora* — respondeu o professor.

O Bruno então foi ao quadro e escreveu: "Modelos, analogias, razões, símiles e metáforas. Já chega por hoje".

25 A Isabel olhou para mim e disse:

— Não só chega como é demais. E o Bruno tam-

bém é demais!

O Bruno ouviu a Isabel e virou-se outra vez para o quadro. Não tenho bem a certeza, mas acho que o ouvi rir.

5

* * *

Antes do jantar fui perguntar à minha mãe se me podia deitar mais tarde nesse dia. Ela disse-me que não e eu apanhei uma fúria enorme e amuei. Quando me sentei à mesa
10 resolvi que não ia falar com ninguém nem ia comer só para chatear os outros.

A Miriam disse:

— Há tantas crianças no mundo a morrerem à fome e tu torces o nariz ao bife com batatas fritas. Tu nem sabes a
15 sorte que tens, essa é que é a verdade!

— E o que é que isso interessa, se é a verdade ou não? Só porque uma coisa é verdadeira não é razão para a termos de ouvir.

O meu pai tentou mudar de assunto dizendo:

20 — Como é que a escola correu hoje, Pimpa?

Isso fez-me sentir logo melhor, porque nesse dia tinha-me divertido imenso. Respondi baixinho:

— Aprendi tudo sobre modelos.

O papá, só para se meter comigo, disse:

25 — Estás a falar das pessoas que aparecem nas capas das revistas?

— Ó papá, não é esse tipo de modelos! Estou a falar dos modelos de aviões e dos modelos de soldadinhos. Também falamos de metáforas, analogias e símiles.

— Ah foi? — perguntou o meu pai. — Ena, ena! Então diz-me lá o que essas palavras querem dizer.

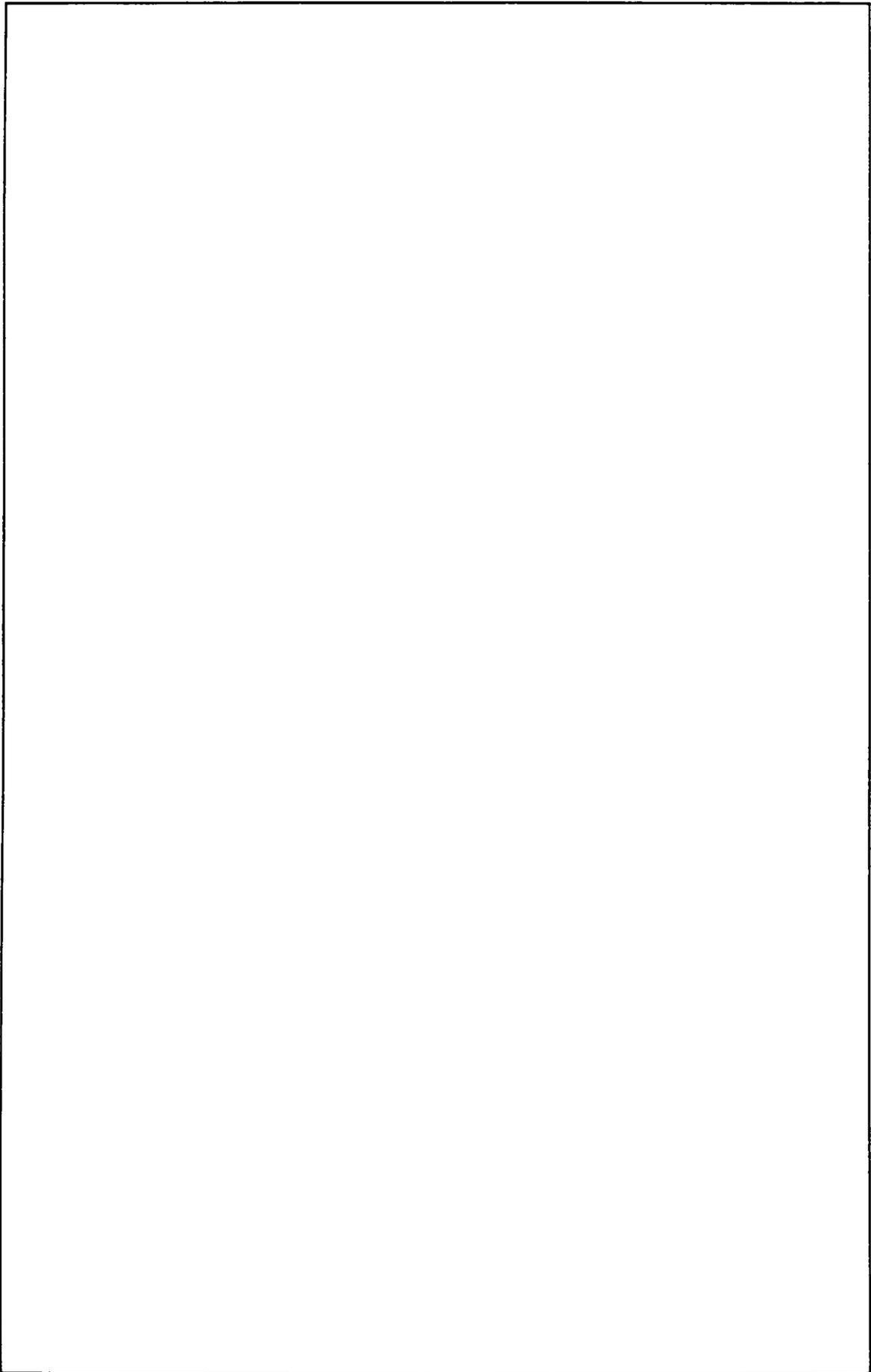
— Bem — respondi eu — quando nós dizemos que uma coisa *é* outra temos uma *analogia* e quando dizemos que uma coisa *é como* outra temos uma *metáfora*. Quando comparamos relações entre as partes de uma coisa com as relações entre as partes de outra é um *símile*.

Vocês já alguma vez tiveram a sensação, quando estão a falar, de que estão a dizer tudo ao contrário? Foi o que eu senti quando estava a explicar ao papá o que tinha aprendido. Mas ele não fez comentários e continuou a comer. A mamã aproveitou para se levantar e ir buscar mais salada. Só a Miriam é que não me largou e continuou a discutir o assunto durante todo o jantar. Foi horrível! Não é nada agradável termos de defender as nossas ideias mesmo quando sabemos que não temos razão, e é ainda pior quando a outra pessoa usa as *nossas próprias ideias* para provar que não sabemos do que é que estamos a falar.

Como se isto não bastasse, no fim ainda me disse:

— Ó Pimpa, tu és mesmo uma pata choca!

É preciso ter lata para me dizer aquilo depois do que *eu* tinha dito sobre metáforas.



CAPÍTULO SETE

No sábado à tarde os meus pais foram visitar um colega do meu pai que estava no hospital. Quando disseram que não podíamos ir com eles, respondemos:

5 — Não faz mal, ficamos aqui em casa. Também não queríamos ir!

Quando iam a sair, a minha mãe disse:

— Não se esqueçam que ficam cá sozinhas em casa e eu não quero que deixem entrar ninguém. Espero que não desobedeçam a esta regra!

Depois disseram que voltavam daí a duas ou três horas. O papá fez-me uma festa na cabeça e saíram.

Mal fecharam a porta comecei a dançar à volta da mesa da cozinha até que a Miriam me perguntou:

15 — O que é que se passa contigo?

— Estamos livres! — gritei. — A casa é toda nossa!

— Estás doida! — disse a Miriam. — Nada mudou. Tu sabes perfeitamente que aqui em casa há regras e elas não mudam quer a mãe e o pai estejam quer não.

Eu não liguei e continuei a cantar:

— Livre, livre, livre! Até que enfim! Livre, livre, livre! Agora tudo é possível!

A Miriam franziu o nariz como de costume e disse:

5 — Estás cada vez pior!

Eu então disse-lhe:

— E vou já direitinha ao roupeiro da mamã pôr aquele vestido de noite que dá até aos pés.

— Vê lá, não desapareças lá dentro — disse a Miriam. —

10 Mas, pensando melhor, isso até talvez fosse bom!

Nessa altura bateram à porta. Sem abrir perguntei:

— Quem é?

Ouvi a Isabel responder:

— Sou eu, a Isabel, e estou aqui com a Cristina.

15 A Miriam disse logo:

— Pimpa, tu bem ouviste o que a mamã disse. Não devemos deixar entrar *ninguém*. Regras são regras!

— Mas a mamã não se referia a pessoas que *conhecemos* — insisti eu.

20 — Está bem — disse a Miriam — mas sabes que há muitos miúdos que nós conhecemos que a mamã não ia querer que deixássemos entrar.

Foi então que a Isabel gritou do lado de fora:

25 — Deixa lá, Pimpa. Nós só parámos para te dizer olá. Até amanhã!

Não quis começar a discutir com a Miriam e resolvi ir para

dentro do roupeiro da mamã. Sentei-me no meio dos sapatos e comecei a pensar na minha criatura misteriosa, mas de repente disse para mim própria: "Porque será que este é o único sítio onde eu consigo sentir-me eu mesma?"

5

* * *

Nem sei como consegui sobreviver domingo, segunda e terça. Por fim chegou quarta-feira, a tal quarta-feira, a tão
10 esperada quarta-feira, a verdadeira quarta-feira, a quarta-
-feira do dia do passeio ao Jardim Zoológico!

Nessa manhã andavam todos a tentar adivinhar a criatura misteriosa uns dos outros. Eu e a Isabel estávamos mesmo atrás do Bruno, mas ele não tinha dado por isso. Abriu o li-
15 vro, espreitou lá para dentro e fechou-o num ápice. Mesmo assim consegui ver um postal que estava lá dentro com a fotografia dum animal. Era a fotografia duma girafa.

Puxei a Isabel pelo braço e afastámo-nos. Depois segrei-lhe:

20 — Aquela deve ser a criatura misteriosa do Bruno. Que horror, como é que alguém se pode interessar por um animal tão feio como uma girafa? Tem um pescoço tão comprido.

— Oh Pimpa — disse a Isabel — deixa lá. Nós não temos nada a ver com isso.

25 Foi então que o Manel, aquele que se está sempre a meter comigo, gritou a meio da aula:

— Ó Pimpa, já sei qual é a *tua* criatura misteriosa: é um ma...

Dei um grito tão alto que ele parou e ficou a olhar para mim com um ar muito espantado. O professor ficou muito
5 zangado e perguntou:

— Mas o que é que se passa?

Eu estava toda a tremer e tudo o que consegui dizer foi:

— Ele... ele disse.

Então o Manel explicou:

10 — Eu só estava a meter-me um bocadinho com ela, professor, palavra. Ia dizer que a criatura misteriosa da Pimpa era um mamute porque toda a gente sabe que já não há mamutes, estão extintos!

Nem consigo dizer o alívio que senti quando o Manel explicou aquilo sobre os mamutes. Mas por enquanto ainda
15 não vos posso dizer *por que é que* me senti melhor.

Voltei-me para a Isabel e disse-lhe:

— Há bocado fiquei toda contente quando descobri a criatura misteriosa do Bruno, mas agora quando pensei que
20 o Manel tinha descoberto a minha não achei graça nenhuma.

* * *

— Ó professor — disse o Rui — logo à tarde, no Jardim
25 Zoológico, podemos andar por onde quisermos ou temos de andar todos juntos?

— Ainda bem que perguntas isso, Rui, porque essa é uma regra que considero importante. Temos de andar todos juntos — disse o professor — e fez um ar muito sério para mostrar bem que não estava a dizer aquilo só por dizer.

5 — Essa é uma regra do Jardim Zoológico ou uma regra da escola? — perguntou a Kátia.

E o professor respondeu:

— É uma regra da escola. O Jardim Zoológico também tem as suas regras, mas essas estão escritas nos letreiros e
10 vocês podem lê-las.

— Pois tem — disse a Joana. — Por exemplo "Não se aproxime das grades das feras" ou "Não dê de comer aos animais".

— Mas ó professor — disse o Rodrigo — nós já não somos
15 nenhuns bebés e sabemos muito bem tomar conta de nós próprios. Porque é que havemos de ter regras para tudo?

— Isso não é uma questão de idade, Rodrigo — respondeu o professor. — Há regras para adultos da mesma maneira que há regras para crianças. As regras da gramática,
20 por exemplo, devem ser cumpridas por todas as pessoas: numa frase, se o sujeito está no plural o verbo também tem de estar. Eu não posso dizer "Os cães *está* sentado na relva", tenho de dizer "Os cães *estão* sentados na relva", porque devemos respeitar as regras da gramática.

25 — Quando jogamos acontece a mesma coisa, Rodrigo — disse a Joana.— Não há nenhum jogo que não tenha as suas.

— E nas disciplinas que estudamos, também — disse o Gil.

— Dá lá um exemplo — pediu o Tomás.

O professor então foi até ao quadro, fez quatro colunas e
5 escreveu por cima: "Meio Físico e Social", "Língua Portuguesa", "Expressão Plástica" e "Matemática". Depois perguntou:

— Ora bem, quem é capaz de me dar um exemplo duma regra para cada uma destas áreas? — perguntou o professor.

10 A Isabel respondeu:

— Há uma regra em Geografia que diz que as coisas representadas num mapa têm de corresponder exactamente à realidade.

— Em Matemática — disse o Rui — há uma regra que diz
15 que quando dois números iguais se somam a outros dois números iguais o resultado é também igual.

— Em Saúde — disse a Rita — há uma regra que diz que quando uma pessoa está em risco de se afogar deve-se-lhe fazer inspiração boca-a-boca.

20 — Respiração — corrigiu o professor.

— Respiração artificial — acrescentou a Rita.

— Em Ciências aprendemos que não se devem deitar produtos venenosos nos rios e nos lagos — disse o Tomás. — Essa é também uma regra.

25 — E em Português — disse a Joana — aprendemos que nas frases interrogativas pomos um ponto de interrogação e

nas exclamativas um ponto de exclamação.

— Muito bem — disse o professor.

Nessa altura, eu levantei o braço e disse:

— Esperem um bocadinho, eu tenho algumas dúvidas
5 sobre o exemplo do Rui.

— Mas o que é que está errado? — perguntou o Rui. — O que eu disse não é verdadeiro?

— Claro que é — disse eu — só que eu não sei se isso é mesmo uma regra. Por exemplo, num jogo, primeiro temos de
10 ler as regras porque elas é que nos dizem como havemos de jogar. Quer dizer, elas dizem-nos o que devemos fazer. Mas no exemplo que deste tu referiste-te ao modo como os *núme-ros* se comportam, não *nos* disseste nada sobre o que temos de fazer.

15 O professor interveio para dizer:

— Acho que a Pimpa tem razão, Rui. O exemplo que tu deste não é bem uma regra mas um princípio da Matemática.

A Rita levantou a mão:

— Ó professor, e em ortografia? Há regras ou princípios?

20 — Isso não é fácil de responder — disse o professor. — E por falar em ortografia quero que me entreguem agora o vosso trabalho de casa.

Nessa altura ouvi a Rita dizer para o Rodrigo:

— Viste? Consegui confundi-*lo*.

25 — Aposto que ele sabe a resposta — disse o Rodrigo — só que não quer dizer.

Eu não sabia se havia de concordar com a Rita ou com o Rodrigo, mas não tive tempo de pensar mais no assunto, porque entretanto chegou a camioneta para nos levar ao Jardim Zoológico.

5

* * *

A viagem de autocarro foi muito acidentada, especialmente nos bancos de trás onde eu e a Isabel íamos sentadas, ou melhor, aos saltos. O professor ia sozinho no banco da frente.

Demorámos tanto tempo para chegar ao Jardim Zoológico que até o Tomás e o Manel, que a princípio iam só na brincadeira, acabaram por se cansar.

15 A dada altura a Rita perguntou:

— Ó professor, estou preocupada com a história que nós temos de inventar. Como é que nós podemos inventar uma história que seja interessante se nós não temos nenhuma experiência disso?

20 O professor virou-se para nós e disse:

— Tens razão, Rita. Então, já que não temos nada para fazer, por que é que não aproveitamos o tempo para inventar umas histórias? Depois até podemos contá-las uns aos outros.

25 A maioria começou a resmungar, principalmente o Tomás e o Manel que estavam estendidos ao comprido nos bancos

de trás, mas a Rita continuou:

— Ó professor, mas nós nem sabemos por onde havemos de começar.

— Bem — disse o professor — então imaginem que eu vos
5 pedia que inventassem a história mais inacreditável que é possível imaginar. Agora já seriam capazes?

O Rodrigo disse:

— Não, eu continuo sem saber como é que se inventa uma história dessas.

10 O professor olhou para um carro que ia a passar na rua e depois disse:

— Nesse caso vou fazer o seguinte: vou dar-lhes um problema e vamos ver quem é que consegue primeiro descobrir a solução.

15 — E qual é o problema? — perguntou a Vilma.

— É este: imaginem que temos aqui connosco uma pessoa no autocarro. Vamos supor que é um homem e que está sentado aqui mesmo ao meu lado.

A ideia parecia divertida. Dei uma risada e perguntei:

20 — E essa pessoa tem alguma coisa de especial?

— Tem — disse o professor. — Acabou de ser criado, mesmo agora, e apareceu aqui vindo não se sabe donde.

— E como é que ele se chama? — perguntou o Gil.

— Adão — respondeu o professor.

25 — Ele conhece a linguagem? — perguntou o Rodrigo. — Sabe falar?

— Sabe, conhece as palavras e o seu significado e sabe falar. Mas lembrem-se que não tem recordações porque começou a viver apenas há um minuto.

O professor virou-se então para o lugar do lado, que estava vazio, e disse:

— Adão, esta é a nossa turma. Digam olá ao Adão, meninos!

E gritámos todos a plenos pulmões:

— Bom dia, Adão!

— Agora, Adão — continuou o professor — o que vêes diante de ti são alunos. Ó meninos, se eu perguntasse ao Adão o que são estudantes, o que é que ele diria?

— Ele diria que nós estudamos — respondeu a Isabel. — Ele poderia descobrir isso a partir da palavra "estudante".

— Ah! Ah! — riu-se o Manel. — Se ele *nos* conhecesse!

— Bem, vamos lá ao mais importante — interrompeu o professor. — Suponham que o Adão agora apontava para vocês e me perguntava "Donde é que eles vêm?". E suponham que eu queria meter-me com ele e lhe contava a história mais inacreditável que conseguisse inventar, como é que seria essa história?

Ficámos a pensar mas ninguém se lembrava de nada. Por fim, o Ricardo pôs o dedo no ar e disse:

— Já sei, podia contar-lhe que em tempos fomos muito altos como as montanhas, mas como todos os dias íamos encolhendo um bocadinho, ficámos deste tamanho.

Rimo-nos imenso e concordámos todos que a história do Ricardo era mesmo inacreditável.

A seguir eu levantei o braço e disse:

— Ó professor, eu podia contar outra história ao Adão.

5 Podia dizer-lhe que antigamente éramos minúsculos, tão pequeninos como grãosinhos de poeira. Mas depois, como crescíamos todos os dias um bocadinho, ficámos deste tamanho.

— Ó Pimpa — protestou o Tomás — mas nós devíamos in-
10 ventar uma história em que ninguém acredite e essa é uma história *verdadeira*.

— Mas não *interessa* se ela é verdadeira ou não — respondi eu ao Tomás. — Uma história verdadeira pode ser tão difícil de acreditar como uma inventada, e eu posso prová-lo!

15 — Como? — perguntou o Tomás.

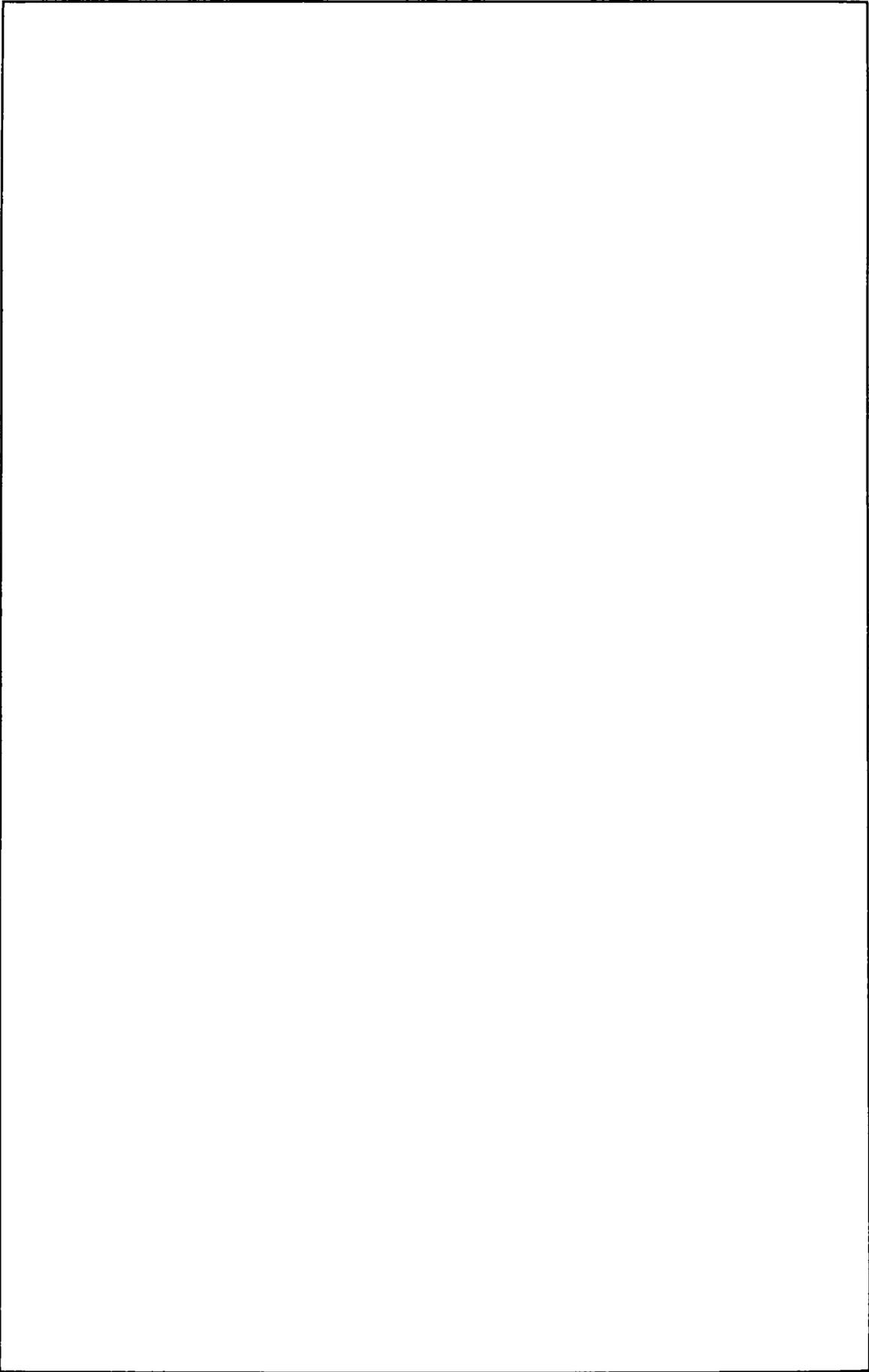
— Perguntando ao Adão. Adão, em que história é que acreditas, na minha ou na do Rodrigo?

Fez-se silêncio no autocarro. Por fim, a Rita perguntou:

— O que é que diz o Adão, professor?

20 — Ele diz que a Pimpa tem razão. Ele diz que uma história é tão inacreditável como a outra.

Nesse momento o autocarro parou à porta do Jardim Zoológico.



CAPÍTULO OITO

Quando chegámos ao Jardim Zoológico o professor disse-nos que íamos primeiro aos pássaros. Entrámos num pavilhão enorme, onde havia pássaros lindíssimos de cores maravilhosas.

5 Eu não estava *muito* interessada em ficar ali porque sabia que não ia lá encontrar aquilo que queria. Alguns encontraram logo o que procuravam, porque reparei que a Joana não despregava os olhos dum grande papagaio e o Tomás observava atentamente um grupo de flamingos que estavam todos
10 com uma perna no ar. A dada altura até ele também já estava com uma perna levantada.

Quando saímos de lá já eram horas de almoço. Fomos para um lugar onde havia umas mesas com bancos e tirámos as nossas sanduíches. Alguns comeram tudo a correr. A
15 Quica deu quase metade do que tinha a uns macaquinhos que se vieram pôr ao pé dela a pedir comer.

Aqueles que acabaram primeiro estavam impacientes e queriam continuar a visita, mas o professor disse:

— Podem dar por aí uma volta se quiserem, mas não se afastem muito. Não se esqueçam que temos de andar todos juntos.

Eu e a Isabel vimos o Bruno ir por um caminho e seguimo-lo às escondidas para que ele não nos visse. Vimo-
5 -lo aproximar-se duma rede e encostar a cara ao arame. Ao princípio não percebemos para onde é que ele estava a olhar, mas depois vimos o que era — era uma girafa-bébé. Os joelhos eram muito saídos para fora, os olhos pareciam vesgos e
10 mal conseguia andar.

A girafa começou a aproximar-se do Bruno. Ele estendeu-lhe os braços, mas ela não se assustou. Ela chegou-se ainda mais e quando estava mesmo à sua frente, esticou o pescoço e roçou-lhe o focinho pela testa, lambuzando-o todo. Depois
15 recuou, mas continuou a olhar para o Bruno. E sabem o que é que ele fez? Ele falou, ele *estava a falar* com a girafa.

Muito devagar, disse:

— És... tão... bonita!

Nesse momento, a girafa foi-se embora. O Bruno deu
20 também uma volta e, sem dar por nós, foi ter com o resto do grupo.

Imaginem, tantos anos sem dizer nada e quando finalmente resolve falar, logo tinha sido com uma girafa! Com uma *girafa*! Nem sei quantas vezes tentei fazer com que ele
25 falasse comigo e nunca consegui. Agora tinha ido dizer a uma estúpida de uma girafa que ela era linda!

Quando chegámos, já estavam todos prontos para continuar a visita. Eu estava desejava de ver como é que o Bruno me ia responder quando eu lhe falasse. Sempre estava para ver o que é que ele ia fazer, se ia abanar com a cabeça
5 ou se me ia falar, por isso perguntei-lhe:

— Ó Bruno, já encontraste a tua criatura misteriosa?

— Já — disse ele, com o ar mais natural do mundo.

— Bruno — quase gritei — mas tu estás a falar! Sem sequer olhar para mim, fez que sim com a cabeça e continuou a
10 observar um panda que estava ali perto. Fiquei um bocado aborrecida e perguntei-lhe:

— Ó Bruno, por que é que *deixaste* de falar?

— Eu nunca deixei de falar para os animais — disse ele.

— Oh! — exclamei eu. — Então era só com as pessoas que
15 tu não podias falar. Mas porquê?

— Quanto mais elas falavam, menos eu falava — respondeu o Bruno. — Quanto mais alto gritavam, mais calado eu ficava.

— Até que deixaste de falar completamente, foi isso?

20 — Foi, até porque nada do que eu dissesse tinha importância.

— Mas agora estás a falar. Isso quer dizer que agora tem importância, não é?

Tudo o que o Bruno disse foi:

25 — Talvez.

E continuou a olhar para umas zebras. Mas eu fiquei

radiante por saber que o Bruno já estava a falar outra vez. E fiquei ainda mais satisfeita por ter sido *eu* a pessoa com quem ele começara a falar. Quer dizer, a primeira a seguir à girafa. *Eu* cá, como nunca *páro* de falar, não tenho nunca de
5 decidir se devo ou não começar.

* * *

10 Pensei para comigo: " Ó Pimpa, mas tu ainda não encontraste a tua criatura misteriosa. É melhor começares a prestar mais atenção aos letreiros, senão ainda acabas por não a encontrar".

De repente lembrei-me: "Mas tu só sabes o *nome* da criatura. Não sabes qual é o *aspecto* dela. Como é que a vais reconhecer quando a vires?"
15

Foi então que me dei conta de como tinha sido burra. Devia ter procurado a minha criatura misteriosa numa enciclopédia ou num "Livro de Animais". Agora ia ter que ler todos os letreiros do Jardim Zoológico.
20

E lá continuámos. De sector em sector e de jaula em jaula. Percorremos tudo, até as exposições temporárias. Cada vez que chegávamos a um sítio, eu dava logo a volta à procura do letreiro para ver se aquela era ou não a minha
25 criatura misteriosa.

Passado um bocado, comecei a perceber que já todos ti-

nham encontrado aquilo que tinham vindo à procura, só eu é que não. Nessa altura o professor perguntou-nos se já tínhamos encontrado a nossa criatura misteriosa e eu tive de confessar, na frente de todos, que ainda não tinha encontrado a minha.

O pior foi quando vi que estava a fazer-se tarde e que daí a pouco o professor nos iria dizer que eram horas de ir para casa. E se tivéssemos de partir antes de eu ter encontrado a minha criatura misteriosa?

Então disse para comigo: "Eu devò ter passado por ela nalgum sítio e não a vi! Vou ter de cá ficar`até a encontrar, nem que tenha de percorrer novamente o Jardim Zoológico todo sozinha!"

E com isto afastei-me dos outros convencido que já só voltaria a encontrar-me com eles no autocarro.

A primeira coisa que fiz foi perguntar a um guarda onde é que estava o bicho de que eu andava à procura. E sabem o que ele fez? Apontou para um gorila e disse:

— Ali está um!

Fiquei tão *irritada*! Como era possível que um adulto, um guarda do Jardim Zoológico, não soubesse a diferença entre a minha criatura misteriosa e um gorila!

Disse para comigo: "Pimpa, não vale a pena perguntares às outras pessoas se nem os guardas do Jardim sabem! O melhor é desistir já porque nunca a irás encontrar".

Então sentei-me num banco e comecei a chorar. Sabia

que nunca, *nunca* conseguiria voltar para junto dos meus colegas e confessar que a minha criatura misteriosa não estava no Jardim Zoológico.

E foi aí que o professor e os outros me encontraram, sentada no banco com a cabeça enterrada nos joelhos para que ninguém me visse chorar. O professor mandou-nos sentar ali à sombra, na relva, e fizemos um círculo. No fim ele disse:

— Ó Pimpa, pensei que tínhamos acordado com a regra de nos mantermos todos juntos. Porque é que foste andar por aí sozinha?

Comecei a choramingar e não consegui dizer nada.

— Já encontraste a tua criatura misteriosa? — perguntou-me.

Abanei a cabeça e desatei a soluçar mesmo a sério.

— Podes-me dizer o nome dela? — perguntou o professor.

Engoli em seco e tentei parar de chorar, mas não consegui e não respondi nada. Então ele disse:

— Podes dizer-me ao menos qualquer coisa sobre ela? Como é que pensaste que a ias reconhecer se a visses?

Nesta altura eu já estava a ficar mais calma e consegui dizer, entre soluços:

— Eu só sei que as mães amamentam os filhos, têm o sangue quente, os ossos estão dentro do corpo e nascem vivos.

O professor inclinou-se para mim e segredou-me:

— A tua criatura misteriosa é um mamífero?

— É isso mesmo — quase gritei. — O senhor adivinhou!
Então ela *existe!* Um mamífero!

Ouviu-se um burburinho mas o professor fez-lhes sinal e
5 eles calaram-se. Depois virou-se para mim e disse:

— Ó Pimpa mas hoje vimos imensos mamíferos. Tu é que
não sabias que eles eram isso. Aliás, alguns até pagaram
entrada.

Eu não estava a perceber nada do que ele dizia por isso
10 calei-me. Depois ele virou-se para a turma e disse:

— Há alguém que seja capaz de ajudar a Pimpa a resolver
o problema dela?

Eu estava a limpar as lágrimas dos olhos e não conseguia
ver, mas ouvi alguém dizer baixinho:

15 — Eu talvez seja capaz!

Era a Isabel.

— Pimpa — disse ela — lembras-te quando foste a minha
casa e estivemos a falar sobre o que é a família?

Eu fiz que sim com a cabeça.

20 — Bom — continuou a Isabel — uma família é composta
de parentes, não é? Quer dizer, é constituída por pais, mães
e crianças.

Limpei o nariz com as costas da mão e disse:

— É... e depois?

25 A Isabel não conseguiu encontrar logo as palavras certas,
e percebi que não estava muito segura, mas finalmente disse:

— Lembras-te que no fim chegámos à conclusão de que se não houvesse parentes, não lhe podíamos chamar "família"? Ora, com a palavra "mamífero" passa-se o mesmo.

— Ah, já percebi — disse eu. — Tu queres dizer que há
5 um grupo de animais que são parentes uns dos outros, só que neste caso, em vez de dizermos que pertencem à mesma família, dizemos que pertencem ao mesmo mamífero.

O professor fechou os olhos (até parecia que não se sentia bem), mas depois voltou a abri-los e disse:

10 — Não, Pimpa, não! A palavra "mamífero" não é uma palavra para família, mas uma palavra para *classes*!

Na altura, como o professor parecia um pouco impaciente, ninguém disse nada, mas passado um bocadinho o Manel perguntou:

15 — O que é que *isso* quer dizer?

— Eu sei — disse a Vilma. — Nós somos todos estudantes e por isso formamos uma classe. Não somos parentes uns dos outros, mas de certa maneira somos todos iguais: somos todos estudantes.

20 — Ela tem razão — disse o Gil. — Todas as pessoas no mundo que têm o cabelo ruivo formam a classe das pessoas ruivas.

— Continuo sem perceber — protestei.

Então a Rita disse:

25 — Ó Pimpa, olha lá. Nós somos todos estudantes e for-

mamos uma classe. Mas a classe que formamos não é um estudante.

A Kátia acrescentou:

— A classe das pessoas de cabelo ruivo não é ela mesma
5 ruiva.

— Então — disse eu — a palavra mamífero é o nome dum classe...

— A classe dos animais que amamentam os filhos — respondeu o Rodrigo.

10 — Está bem — concordei — já sei que a classe dos mamíferos não é um mamífero. Mas *existem* mamíferos ou *não existem*? — gritei, já irritada.

Nesta altura, tiveram de começar a explicar-me tudo outra vez. Passado algum tempo já não podia ouvi-los dizer que a
15 classe dos patos não nadava, que a classe dos pássaros não voava e que a classe dos mamíferos não amamentava os filhos. A discussão só terminou quando o Bruno disse:

— Ó Pimpa, *todos* os mamíferos do Jardim Zoológico eram a tua criatura misteriosa. Tu tinhas mais do que qualquer
20 um de nós.

Mas eu só me lembrava que a minha criatura misteriosa se tinha transformado em nada, era só o nome dum classe e não uma coisa quente e fofinha, com um nariz molhado e uns olhos castanhos e meigos.

25 A Isabel então disse-me:

— Não te preocupes, Pimpa. Ainda há a história misteriosa que cada um de nós tem de inventar e aposto em como tu vais inventar a melhor história da aula.

Foi muito bom a Isabel ter-me dito aquilo. Eu pus-me logo a pensar na minha história e, no fim, disse para mim própria: "Fiz uma trapalhada tão grande com a minha criatura misteriosa, que agora a história *tem* de ser a melhor de todas! Quero inventar uma história que eles nunca mais esqueçam! Mas como?" E comecei a pensar como é que podia modificar a minha história para a tornar ainda melhor.

* * *

15

Nessa noite, depois do jantar, decidi contar à minha mãe o que tinha aprendido sobre os mamíferos: que uma família é diferente duma classe. Mas no fim da conversa fiquei outra vez confusa quando começámos a falar da nossa gata.

20 A Traquinas tem três gatinhos: Meia-noite, Leitinho e Mesclado. Quando quer que eles venham ter com ela começa a ronronar e eles aparecem logo. Eu também faço o mesmo quando quero ir para o colo da minha mãe. Ela diz que eu já estou a ficar muito crescida para isso, mas não estou, porque eu sou a mais pequena da aula e os meus colegas ainda se sentam todos nos colos das mães, *todos!*

Eu então contei-lhe:

— Sabes, mamã, nós aprendemos que se pode reconhecer um mamífero pela forma como alimenta os filhos. Os mamíferos amamentam os filhos enquanto os pássaros alimentam os filhos com bichinhos.

— É verdade — disse ela. — A Traquinas é um mamífero porque dá de mamar aos filhos.

— E é uma fêmea como a Mesclada, ao passo que o Leitinho e o Meia-noite são machos — acrescentei eu.

10 — Claro.

— Ó Mamã, então quer dizer que o Leitinho e o Meia-noite não são mamíferos? — perguntei.

— Porquê, Pimpa?

— Porque os machos não amamentam os filhos.

15 — Oh Pimpa — disse a mamã dando-me um abraço — mas eles são todos da mesma *espécie!*

Eu não percebi e desatei a chorar, porque pensei que *nunca* mais ia compreender aquilo e não gosto nada de pensar que *nunca* irei perceber uma coisa. Chorei agarrada ao pescoço da minha mãe. Ela então, tirou o lenço e limpou-me o nariz.

— Ó mamã — perguntei — como é que as minhas lágrimas são quentes e a água que corre do nariz é fria?

— Ó Pimpa — disse a minha mãe — então como é que na cozinha temos duas torneiras no lava-loiça, uma para a água quente e outra para a água fria?

Eu resmunguei:

— Eu fiz-te uma pergunta e tu respondeste-me com outra pergunta.

Mas a minha mãe não disse nada e continuou a balançar-se.

— Ó mamã, porque é que a palavra mamífero é tão parecida com a palavra mamã?

— Porque ambas vêm do facto dos mamíferos fêmeas amamentarem os filhos.

10 — Mamã — disse eu — hoje perguntei à Isabel se o nome da mãe dela não se escrevia L-u-í-s-a, mas ela disse que não, que se escrevia L-u-i-z-a. Quem é que tem razão, é ela ou sou eu?

— Ambas têm razão. Pode escrever-se das duas maneiras.

15 — Então, e o nome do tio Luís também se pode escrever doutra maneira?

Nessa altura a minha mãe respondeu:

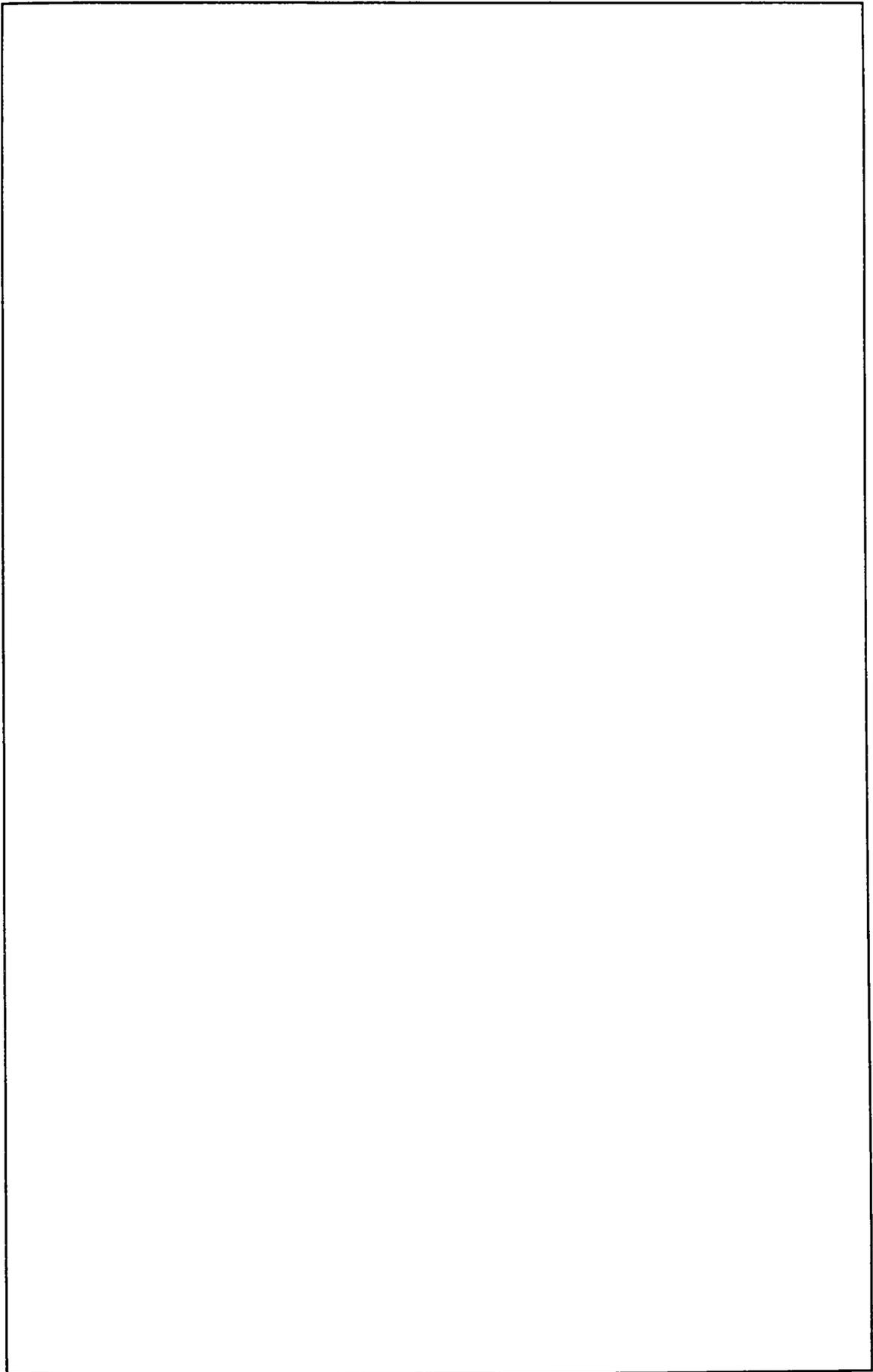
— Acho que sim, mas não tenho a certeza.

20 — Oh mamã — perguntei — porque é que nunca há nada que seja simples?

— É para te obrigar a pensar, querida — disse-me ela. — E tu gostas de pensar, não gostas?

— Hum! Como é que *eu* sei? Eu nunca pensei nisso.

25 E foi nisto que eu e a minha mãe estivemos a falar na noite do dia do passeio ao Jardim Zoológico. E foi nessa noite que eu fiquei doente.



CAPÍTULO NOVE

Não fui só eu que fiquei doente naquela noite, a Miriam também ficou. A mamã disse que talvez fosse um vírus, mas *nós* pensámos que devia ser qualquer coisa que tínhamos comido. Nem imaginam o que nós passámos, estivemos
5 tão mal!

Primeiro fui eu que comecei a vomitar, mas logo a seguir a Miriam saltou da cama e correu para a casa de banho, muito aflita, com a mão na boca. Uma das vezes corremos as duas, ao mesmo tempo, e quando íamos a debruçar-nos sobre o lavatório batemos com a cabeça uma na outra. Os ossos doe-
10 ram-nos todos e ficámos com uma dor de cabeça enorme. (Ou seriam dores de cabeça separadas? Não tenho bem a certeza. Se tínhamos o mesmo vírus, também podíamos ter a mesma dor de cabeça!).

15 A meio da noite sentimo-nos ainda pior. Rebolávamo-nos na cama e não parávamos de gemer. A dada altura pus a mão na barriga e disse:

— Ai que eu vou morrer!

A Miriam respondeu-me:

— Olha que sorte!

Na manhã seguinte sentíamo-nos um pouco melhor.
5 Ainda estávamos fracas mas já não tínhamos tantas dores.

— Toca a levantar e a vestir — disse a minha mãe. —
Temos de ir ao médico.

Começámos a resmungar.

— Ó mamã, e porque é que não é o Dr. Rocha a vir cá?

10 A minha mãe só me respondeu:

— Que engraçadinha!

Quando chegámos ao consultório, a sala de espera es-
tava cheia de pais e filhos. Começámos então a ler umas
revistas muito antigas que já tínhamos visto no dentista.
15 Depois fomos ver os peixinhos e no fim fomos para a jane-
la ver a chuva a cair sobre os carros que estavam parados
na rua.

Finalmente, a empregada mandou-nos entrar e levou-nos
para uma salinha que ficava mesmo ao lado do gabinete do
20 médico. (Lá no médico há duas salas: uma é onde o Dr. Ro-
cha observa as crianças, a outra, é para nós nos vestirmos e
despirmos).

Não era a primeira vez que íamos ao Dr. Rocha mas
quando a empregada nos mandou entrar, não sei porquê, de-
25 satámos as duas a rir e não conseguíamos parar. Quer dizer,
nós parámos mas só quando o Dr. Rocha entrou. Nessa al-

tura a Miriam fez um ar muito sério e eu comecei a choramingar.

— O sr. doutor vai dar-me uma injeção, não vai? — choraminguei eu.

5 — Só se for preciso — respondeu o médico.

— Então já sei que vai dar — berrei. — Tenho a certeza que vai ser preciso!

O Dr. Rocha auscultou-me o peito e disse:

10 — Pela maneira como te portas ninguém diria que só tens nove anos.

Depois auscultou-me as costas.

— Sabes que há imensas crianças com doze anos que não se portam tão bem como tu? — comentou.

— O sr. doutor está a fazer troça de mim! — resmunguei.

15 — Abre bem — disse ele, enquanto me enfiava uma colher na boca.

E eu pensei para mim mesma: "Ainda bem que já não tenho nada para vomitar".

20 Por fim, o doutor mandou-me vestir e disse à minha mãe que nós ainda tínhamos de ficar em casa mais uns dias.

— Eu só gostava de saber se isto se pega — perguntei.

O Dr. Rocha respondeu que não, que não se pegava.

— Ainda bem! Assim posso ter visitas!

* * *

Eu estava convencida que no dia seguinte já nos íamos sentir melhor, mas não estávamos, e acabámos por ficar *cinco* dias de cama. Cinco dias, imaginem!

A primeira coisa que pensei foi que não ia estar na escola quando os outros fossem contar as histórias misteriosas. Nem eu ia poder ouvir as histórias deles nem eu ia poder contar a minha.

Nessa noite, quando o meu pai me perguntou como é que eu me sentia, disse:

10 — Péssima!

Mas em parte, eu sentia-me infeliz porque não ia poder contar a minha história.

— Se estás assim tão triste — disse o meu pai — porque é que não convidas os teus colegas a virem cá a casa e depois conta-lhes a tua história?

— Ó papá — disse eu dando-lhe um beijo muito repenido — isso era tão bom. Vou já telefonar à Isabel para ela dizer à turma para virem cá todos amanhã à tarde!

Telefonei à Isabel e disse-lhe:

20 — Ó Isabel, pergunta lá na escola se depois das aulas eles não podem cá vir para eu lhes contar a minha história.

— Ó Pimpa — disse a Isabel — isso vai ser muito difícil. Já sabes que alguns têm logo de ir apanhar o autocarro e outros têm coisas para fazer em casa. De certeza que vão dizer: "Por que é que a Pimpa não espera até voltar para a escola? Por que é que nós temos de ir a casa dela só para ouvir

a história que ela tem para contar?" O que é que eu lhes vou responder nessa altura?

— Ó Isabel — disse eu — mas tu és ou não és minha amiga? Olha que eu estou muito doente, posso até morrer!
5 Não achas que eles iam ficar cheios de remorsos se eu *nunca* mais voltasse à escola para contar a minha história? Então, sempre lhes vais pedir?

Coitada da Isabel! Ela ficou tão aflita com o que eu lhe disse que me respondeu:

10 — Está bem, Pimpa, vou tentar, mas não te prometo *nada!*

Fiquei contentíssima quando a Isabel concordou. Mas também já tinha pensado que se ela dissesse que não, eu ia-lhe perguntar como é que ela podia recusar um favor daquelas a uma amiga moribunda.

15 Na tarde do dia seguinte eu estava ansiosa por ouvir tocar a campainha. Tinha a certeza que iam todos invadir o meu quarto e sentar-se no chão, à volta da minha cama, enquanto eu lhes contava a minha história.

Finalmente a campainha tocou e entraram a Isabel, o Gil,
20 a Vilma e o Bruno e disseram-me:

— Os outros não puderam vir.

Por instantes pensei que ia desatar a chorar.

— Eu queria tanto que eles viessem *todos* — disse.

Mas consegui conter-me e não chorei, embora tivesse
25 vontade.

Então a Vilma disse:

— Pimpa, se quiseres, *nós* contamos a tua história aos outros!

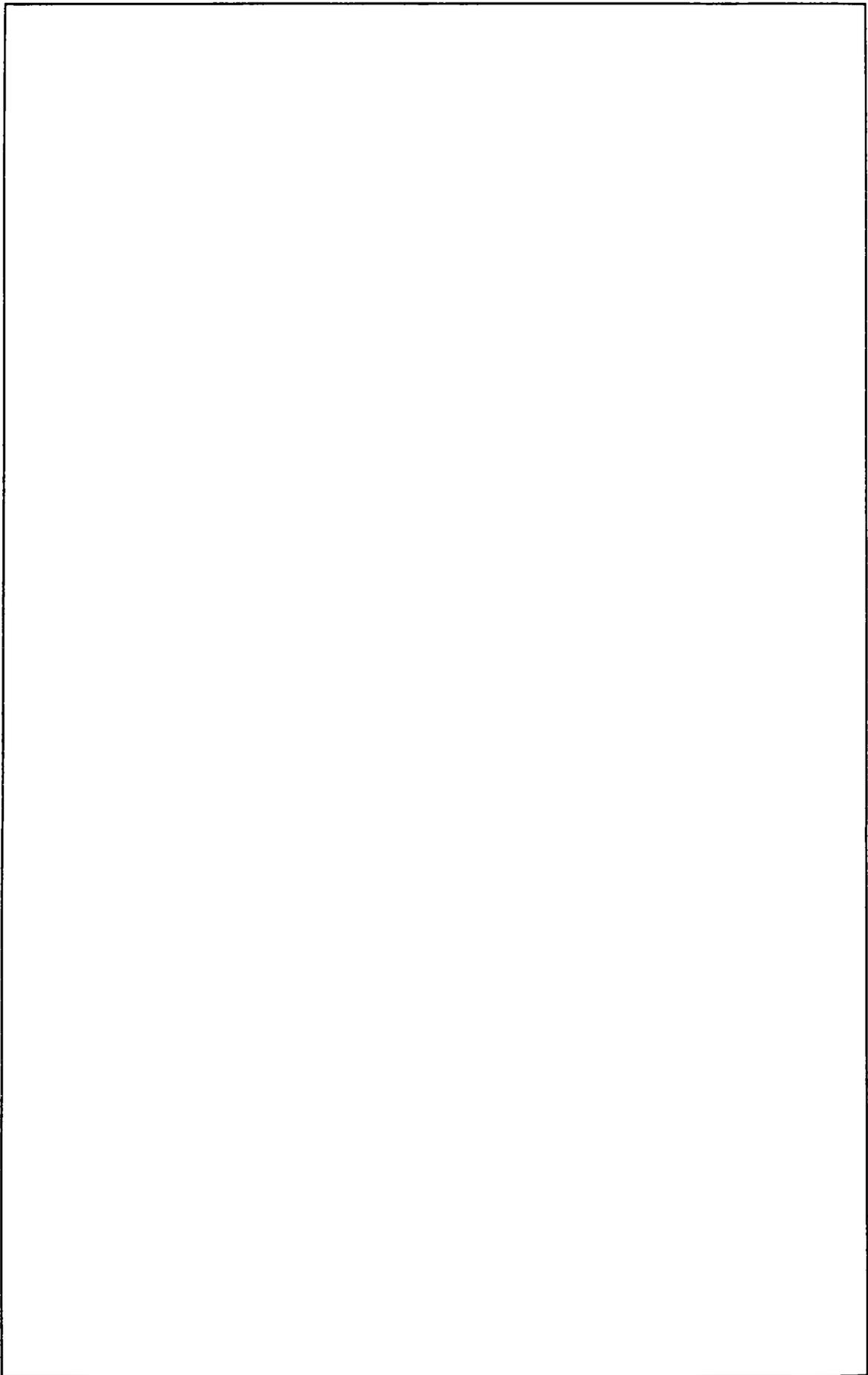
Senti-me logo melhor.

— Eram capazes de fazer isso? Oh Vilma — disse eu —
5 isso era tão bom!

Então contei-lhes a minha história e eles foram-se embora depois de me prometerem que a iam contar aos outros.

Tenho a certeza que vocês também gostavam que eu vos contasse a minha história misteriosa, tal como a contei à
10 Isabel, ao Bruno, ao Gil e à Vilma. Mas eu *alguma vez vos prometi* que a contava? *Não prometi*, pois não!

No dia seguinte, depois de vir da escola, a Isabel telefonou-me para me contar o que tinha acontecido, e o que aconteceu foi isto: a Isabel contou a minha história à Kátia, e esta
15 contou-a ao Rui, que a contou ao Manel. O Gil contou a minha história ao Rodrigo, que por sua vez a contou à Rita. A Vilma contou a minha história à Joana, que a contou ao Tomás. O Bruno não contou a minha história a ninguém. Depois juntaram-se todos e inventaram qualquer coisa que a
20 Isabel não me disse o que era. Tudo o que ela me disse foi:
— Quando voltares para a escola, vais ter uma *grande* surpresa, Pimpa. Uma grande, **GRANDE** surpresa!



CAPÍTULO DEZ

No dia em que regressei à escola, ao princípio, tudo parecia na mesma. Não me prestaram grande atenção e parecia que não tinham sentido a minha falta. Por isso fiquei intrigada, a pensar qual seria a surpresa que me iam fazer. Por
5 fim a Isabel e a Vilma vieram ter comigo.

— Ó Pimpa — disse a Vilma — sabes, a tua história acabou por ser modificada à medida que a fomos contando uns aos outros. Por isso resolvemos o seguinte: esta tarde vamos ouvir a tua história tal como ela foi contada às últimas
10 quatro pessoas.

Então perguntei:

— Queres dizer que a minha história se transformou em quatro histórias diferentes?

— Sim, de certa maneira... — disse a Isabel, mas acrescentou logo quando me viu a fazer beicinho:
15

— Olha que eu acho que vais gostar delas.

— E quem vão ser os narradores? — perguntei.

— O Manel, a Rita, o Tomás e o Bruno — disse a Isabel.

— É isso mesmo — acrescentou a Vilma — e cada narrador tem um parceiro que lhe vai fazer perguntas. O parceiro
5 do Manel é a Joana, o da Rita é o Rui, o do Tomás será a Kátia e o do Bruno vai ser o Rodrigo.

— Então o Gil e vocês as duas? — perguntei eu.

— Bem — disse a Vilma com uma risadinha — antes de cada história o Gil vai tocar harmónica e a Isabel o tambor.
10 Eu sou a encenadora.

Bati as palmas radiante.

— Isso é como uma peça de teatro! Uma peça em quatro actos!

— É isso mesmo! — concordou a Isabel. — E vamos re-
15 presentar no ginásio. Mas nós *vamos* estar todos no palco e só tu e o professor é que vão estar a assistir.

— Mas que grande surpresa! — disse eu. E pensei cá para comigo: "Nada mau para quem pensava que um mamífero era um animal e para quem nem sequer esteve muito doente".

20 Mas isto não era ainda tudo. Quando chegámos ao ginásio reparei que eles tinham posto uma caixa enorme no meio do palco.

— Para que é *isto*? — perguntei à Isabel.

— O Bruno disse-nos que sabia trabalhar com fantoches
25 —explicou ela— por isso montámos um teatrinho com aquela caixa e os que representam vão lá para dentro com o Bruno.

Eu e o professor Mateus sentámo-nos um ao lado do outro, a umas dez filas do palco. Parecíamos duas almas penadas, os dois ali sozinhos no meio da plateia. Então a Vilma veio até à frente do palco e anunciou:

5

QUATRO MANEIRAS DE CONTAR A HISTÓRIA DA PIMPA

Logo a seguir o Gil começou a tocar, a princípio muito
10 alto, e depois foi tocando cada vez mais baixinho. Nessa altura ouviu-se o rufar do tambor da Isabel e, de repente, dois fantoches surgiram de dentro da caixa: eram dois palhaços. Um tinha um letreiro que dizia "Eu sou o Batatinha". O outro trazia dois letreiros: num estava escrito "Eu sou o Janota" e
15 no outro "1º Acto".

Agora vamos ouvir o que eles disseram.

Batatinha (representado pelo Manel):

Era uma vez...

20 *Janota* (representado pela Joana):

Ai, adoro histórias. Continua, continua!

Batatinha: Era uma vez...

Janota: Vá, conta, conta! Começa pelo princípio!

Batatinha: Estou a *tentar* contar! E estou a *tentar* começar
25 pelo princípio. Bom, vamos lá começar outra vez.
Era uma vez o maior furacão de todos os tempos.

Janota: E ele levou as casas, os animais e as pessoas e fê-los andar à roda como no ciclone do *Feiticeiro de Oz*?

Batatinha: Foi muito pior.

5 *Janota:* Ai, eu *adoro* a Judy Garland.

Batatinha: A Judy Garland não vem no livro, quem vem é a Doroteia. A Judy Garland só aparece no *filme*.

Janota: Então conta lá como é que o furacão fez andar tudo à roda.

10 *Batatinha:* Lembras-te de quando fomos àquela quinta, e que havia lá uma vacaria onde tinham um grande depósito de leite?

Janota: Lembro, lembro! O leite andava à roda até se separar da nata. (E o Janota fez um círculo com os braços a mostrar como é que a máquina fazia e como é que a nata se separava do leite.)

Batatinha: Ora bem, este furacão também fez as pessoas girarem de tal maneira que separou as mentes dos corpos.

20 *Janota:* Que horror, aposto que *isso* deu uma grande confusão! Eu nem consigo imaginar como é que seria se as mentes das pessoas não tivessem corpos e os corpos não tivessem mentes! E o que é que aconteceu?

25 *Batatinha:* Bem, os corpos foram à procura das mentes e as mentes foram à procura dos corpos, mas houve

imensos enganos. Muitos dos corpos e das mentes que se juntaram não pertenciam uns aos outros e começaram a discutir e a brigar. Depois separaram-se e começaram outra vez à procura.

5 *Janota:* E *alguns* chegaram a descobrir a quem pertenciam?

Batatinha: Ao princípio só muito poucos, mas, à medida que o tempo passava, outros também o conseguiram.

Janota: Deve ser tão bom descobrir a nossa mente. Quem
10 me dera descobrir a minha! Onde é que eu a terei perdido? Já procurei por todo o lado, debaixo da cama, na banheira, na cozinha, mas não a consegui encontrar, em parte *nenhuma*, por isso tenho de me contentar com o que tenho.

15 *Batatinha:* Não penses que és o único. Por causa desse furacão há imensos corpos (pelo mundo) que ainda andam à procura das suas mentes e muitas mentes que ainda andam à procura dos seus corpos.

Janota: Oh meu Deus! Já comunicaram isso à Secção de
20 Pessoas Desaparecidas?

Batatinha: Não vale a pena, eles só procuram pessoas.

Nesta altura Batatinha e Janota desapareceram dentro da caixa de cartão. Depois voltaram com um letreiro que dizia:

FIM DO 1º ACTO.

* * *

O Manel e a Joana saíram da caixa de cartão e entraram a Rita e o Rui: eles iam fazer as vozes da 2ª Parte. O Bruno ficou porque tinha de manejar os fantoches. O Gil voltou a tocar uma música e ficámos à espera que começasse a 2ª Parte. De repente, saíram dois fantoches. Um era um mágico, de chapéu alto, casaca preta, grandes bigodes e um serrote. O outro era uma senhora que estava dentro duma caixa: dum lado saía-lhe a cabeça, do outro, os pés. A conversa foi a seguinte:

Senhora (representada pela Rita):

Vais-me serrar ao meio.

Mágico (representado pelo Rui):

Estou aqui para isso e também não tenho mais nada para fazer.

Senhora : Não podes esperar que eu te conte uma história?

Mágico: Só se for uma história interessante!

Senhora: Está bem! Era uma vez... antes de existirem pessoas e antes mesmo de existir o mundo. Caía uma chuva miudinha por toda a parte.

Mágico: Isso são muitas gotas de água!

Senhora: Bem, não eram bem gotas de água, eram doces!

Mágico: Doces! Que bom! E que doces eram?

Senhora: De todas as qualidades: rebuçados, pastilhas de hortelã-pimenta, bombons de chocolate com frutas

e chupa-chupas; tudo o que tu possas imaginar e ainda mais alguma coisa.

Mágico: E eram de tamanhos diferentes?

Senhora: E formas diferentes também. Não eram só redondos. Tinham feitios esquisitos, eram todos cheios de ângulos retorcidos. Por isso, quando caíam, ficavam presos uns aos outros.

Mágico: Mas que giro!

Senhora: Passado pouco tempo os doces já eram enormes e chocavam contra tudo à medida que caíam. E nunca mais acabavam de cair.

Mágico: E nunca pararam?

Senhora: Sim, mas só ao fim de algum tempo. Primeiro começaram a cair mais devagar, até que por fim pararam todos ao mesmo tempo. Os maiores transformaram-se em terra e os que tinham caído mais depressa transformaram-se em água e formaram os rios e os oceanos. Os que se tinham desfeito em pedaços flutuaram no ar e formaram o céu.

Mágico: Ah, é por isso que o mundo está cheio de cores diferentes — vermelhos, roxos, verdes e dourados — essas eram as cores dos doces! Então e as pessoas, quando é que apareceram?

Senhora: Ao princípio só havia partes de pessoas...

Mágico: ...como se alguém tivesse partido os bonecos de chocolate aos bocadinhos?

Senhora: Isso mesmo! Havia pés, pernas, orelhas, narizes, dedos e ombros, todos a passear por aí à procura uns dos outros.

5 *Mágico:* Queres dizer que havia braços e pernas a andar sozinhos? Não consigo acreditar nisso.

Senhora: Eu não te pedi para acreditares, só te pedi para me ouvires. Isto foi o que aconteceu na minha história. Os dedos das mãos procuravam as mãos, os dedos dos pés, os pés, as línguas procuravam as bocas e as orelhas procuravam as cabeças.

Mágico: E o que é que aconteceu quando as pessoas se conseguiram completar?

15 *Senhora:* Não se sentiram bem sozinhas e por isso formaram famílias, as famílias formaram tribos e as tribos formaram as nações.

Mágico: Não me digas!

20 *Senhora:* Digo, digo. E as pessoas começaram a falar umas com as outras, mas primeiro tiveram de inventar as palavras. Deram nomes às coisas, por exemplo, "montanha", "árvore" e às pessoas deram nomes como "João" e "Maria".

Mágico: Mas que espertas! Quem é que teria pensado chamar "montanhas" às montanhas? Mas continua lá a história. E foram todos muito felizes para sempre?

Senhora: Não, de maneira nenhuma. As palavras eram muito infelizes tal como os braços, as orelhas e os narizes o tinham sido antes de se juntarem. Os substantivos queriam verbos para os acompanharem e os verbos queriam substantivos.

Mágico: Compreendo perfeitamente! As palavras "cães" e "ladram" pensaram que eram feitas uma para a outra! O mesmo aconteceu com as palavras "rãs" e "coaxar".

Senhora: Sim e passado algum tempo começaram a juntar-se formando frases compostas por palavras.

Mágico: Que emocionante! Então foi assim que as pessoas começaram a falar?

Senhora: Pois foi, e depois de já falarem há muito tempo começaram a pensar.

Mágico: É assim que acaba a tua história?

Senhora: É, mas queres ouvir...

Mágico: Não é preciso, deixa lá.

20 E começou a serrar a caixa ao meio com toda a força. Quando acabou, a senhora saiu lá de dentro sã e salva. No fim os dois levantaram os braços para a plateia a agradecer. Em seguida mostraram um letreiro que dizia:

FIM DO 2º ACTO

* * *

Depois foi a vez da Rita e do Rui saírem da caixa e de entrar o Tomás e a Kátia. O 3º Acto foi como os outros dois, só que desta vez os personagens eram o Espantalho e o Homem de Lata. Logo que a Isabel acabou de tocar o tambor,
5 a história começou.

Espantalho (representado pela Kátia):

Sabes, Homem de Lata, eu bem sei que agora já estou novamente inteiro, mas...
10 sinto-me ainda tão... tão disperso!

Homem de Lata (representado pelo Tomás):

Se *tu* te sentes disperso e és tão esperto, como é que achas que *eu* me sinto?

Espantalho: E como é que te *sentest*?

15 *Homem de Lata*: Sinto-me todo a enferrujar e isso deixa-me muito preocupado! Achas que se eu substituir todas as minhas partes, continuo a ser o mesmo? Tu que tens cérebro, diz-me lá!

Espantalho: Olha, então vou contar-te uma história!

20 *Homem de Lata*: Uma história? E começa por "Era uma vez..."?

Espantalho: Começa, sim. Era uma vez, antes de existirem pessoas como nós, havia só partes. Imensas orelhas, narizes e olhos espalhados por todo o lado.
25

Homem de Lata: Para isso o que fazia falta era uma linha de montagem.

Espantalho: Pois era, mas durante muito tempo não se fez nada. Finalmente chegou a hora de organizar as coisas e pôr tudo a funcionar.
5 Por isso perguntou-se-lhes: "Quem é que quer ver?", "Quem é que quer saborear?" e "Quem é que quer andar?".

Homem de Lata: Aposto que sei o que aconteceu: começou a
10 haver imensas discussões porque as orelhas, os olhos e os narizes queriam todos ver, as mãos e os pés queriam correr e as bocas e as línguas queriam ouvir.

Espantalho: Tens toda a razão, foi uma grande barafunda! Os olhos, que tinham ficado com a
15 função de saborear, levavam todo o tempo a queixar-se: "Nós não conseguimos saborear nada porque não há luz suficiente!". Os ouvidos que tinham a função de cheirar queixavam-se que não conseguiam cheirar nada
20 porque havia muito barulho.

Homem de Lata: E tiveram de anular tudo e distribuir as tarefas todas novamente?

Espantalho: Pois foi, mas desta vez as coisas foram feitas
25 como devia ser. Disseram aos olhos que a

a sua única função era ver e aos ouvidos que eles só tinham de ouvir.

Homem de Lata: E viveram todos felizes para sempre.

5 *Espantalho:* Acho que não, ninguém ficou contente. Até o melhor par de olhos se queixava: "Nós não servimos para nada porque não conseguimos correr". E os melhores narizes diziam: "Olhem só para nós, somos completamente inúteis! Nem conseguimos ouvir!".

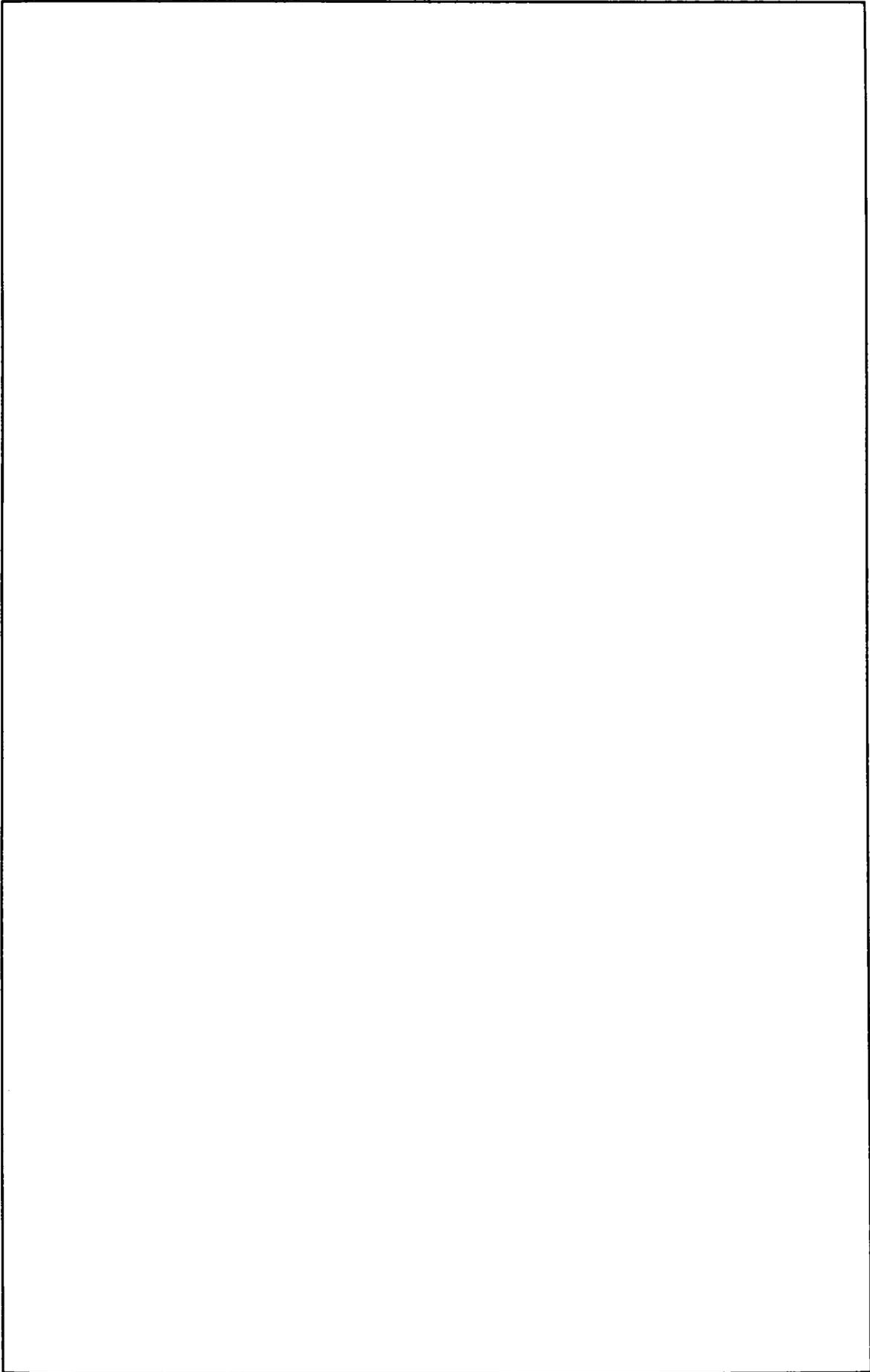
10 *Homem de Lata:* Que patetas! E havia outros a quererem ser o que não eram?

Espantalho: Claro! Havia adultos que queriam ser crianças e crianças que queriam ser adultos. Havia gatos que queriam ser pessoas e pessoas que queriam ser gatos.

15 *Homem de Lata:* Eu, a única coisa que sempre quis ser foi um homem de lata com coração! Agora que o tenho, será que vou mudar?

Espantalho: Não, enquanto a história em que estamos

20 *Homem de Lata:* Que bom. Isso é ótimo, porque os corações de lata enferrujam. Numa história, ao menos, um coração pode durar para sempre. Assim é que é bom!



CAPÍTULO ONZE

A última história foi a do Bruno. O Rodrigo estava com ele dentro da caixa, mas o Bruno é que manejava os fantoches, ao mesmo tempo que contava a história.

Quando os fantoches surgiram, fiquei muito admirada porque representavam pessoas a sério: um dos fantoches
5 estava vestido de rapaz, o outro era uma rapariga perfeitamente normal. O rapaz levantou um letreiro que dizia: "Eu sou o Bruno". O letreiro da rapariga dizia: "Eu sou a Pimpa". Imaginem!

10 O Bruno fez o papel do rapaz e o Rodrigo, para fingir que era eu, teve de fazer uma voz muito fininha.

Bruno: Ó Pimpa, à noite quando olhas para o céu o que é que vês?

15 *Pimpa:* Estrelas.

Bruno: Bem, isso é o que as pessoas nos dizem que vemos, estrelas. Mas o que é que nós vemos realmente?

Pimpa: Vemos... luzes!

Bruno: Ora é precisamente aí que a minha história começa...
com essas luzes.

Pimpa: Mas primeiro *tens* de dizer "Era uma vez...". Começa-
5 -se sempre assim.

Bruno: Está bem, e porque não? Era uma vez aquelas luzes
que nós vemos aos milhares, aos biliões e triliões no
céu... as luzes a que chamamos estrelas... mas nessa
altura não eram estrelas.

10 *Pimpa:* Ó Bruno... estás a inventar isso tudo. Se não eram
estrelas, então o que eram?

Bruno: Eram ideias.

Pimpa: Ideias? Ideias de quê?

Bruno: Ideias de tudo. Ideias de frigideiras, de maçanetas, de
15 discos-voadores, de números e de bombons de cho-
colate...

Pimpa: E havia ideias de coisas em que não se possa tocar?

Bruno: Do quê, por exemplo?

Pimpa: Por exemplo, de amizade, de beleza e de bem.

20 *Bruno:* Sim, havia ideias dessas coisas todas.

Pimpa: E havia ideias de ódio, de fealdade e de maldade?

Bruno: Eu... eu não tenho bem a certeza. Acho que não.

Pimpa: E havia ideias de coisas horríveis como lama, pêlos e
lixo?

25 *Bruno:* Também não tenho bem a certeza, mas é possível.

Pimpa: E eram *mesmo* ideias?

Bruno: Eram, e cada uma delas era perfeita. A ideia de cadeira era a ideia perfeita da cadeira perfeita. A ideia de lava-loiça era a ideia perfeita do lava-loiça perfeito. E a ideia de bondade era a ideia perfeita da bondade perfeita.

Pimpa: Se elas eram assim tão perfeitas, então deviam ser muito felizes.

Bruno: Ora aí é que está, não eram. Não estavam nada satisfeitas por serem ideias. Queriam também ser *coisas*. Por exemplo, a ideia de almofada dizia para a ideia de cama: "Eu quero ser uma almofada real, feita de espuma real, para que quando uma pessoa deite a cabeça em cima de mim, diga: esta almofada é *realmente* muito fofinha".

Pimpa: E do que é que as ideias de beleza e de bondade se queixavam?

Bruno: Bem, essas diziam: "Estamos cansadas de só brilhar aqui no céu onde nunca acontece nada. Queremos ser coisas realmente belas e pessoas realmente boas".

Pimpa: E depois, o que é que aconteceu?

Bruno: Escolheram o planeta Terra para realizar aquilo que tanto desejavam.

Pimpa: E quando as ideias chegaram à Terra... o que é que aconteceu?

Bruno: Descobriram que estava tudo ainda por fazer.

Pimpa: E as ideias começaram logo a trabalhar?

Bruno: Não havia nada que tivesse forma, só havia bolhas de matéria.

Pimpa: Não havia cadeiras, nem cavalos, nem pessoas?

Bruno: Não, só depois de chegarem as ideias. Elas é que de-
5 ram forma às bolhas.

Pimpa: Dar forma como? Como quem faz uma bola de neve, ou como quem corta um chouriço às rodelas?

Bruno: Não tenho bem a certeza. Acho que foi mais como... como partilhar.

10 *Pimpa:* Partilhar? Tal como eu e a Isabel partilhamos a nossa amizade?

Bruno: Foi mais ou menos isso. Em todas as relações há partilha.

Pimpa: Ó Bruno, não percebo o que é que queres dizer, tens
15 de me explicar melhor.

Bruno: Então escuta. Quando o nosso professor nos conta uma história, nós estamos todos a partilhá-la quando o ouvimos.

Pimpa: Claro, mas...

20 *Bruno:* E antes de ouvires a história a tua mente não era apenas uma bolha? E não foi a história que a pôs em ordem?

Pimpa: Queres dizer que é isso que as ideias fazem? Dão forma às coisas e põem-nas em ordem? Dá-me lá um
25 exemplo.

Bruno: Olha, a ideia de cadeira deu forma à madeira, e é as-

sim que milhões de cadeiras de madeira são feitas, segundo essa ideia. O mesmo acontece com a ideia de cama e de mesa. Não há um limite para o número de coisas que podem partilhar a mesma ideia.

5 *Pimpa:* Olha lá, Bruno, e além das ideias de coisas, também havia ideias de pessoas?

Bruno: Havia, mas com as pessoas foi diferente. É que pode haver muitas cadeiras mas só há uma ideia de cadeira. No caso das pessoas havia uma ideia diferente
10 para cada uma.

Pimpa: E se acontecer algo a uma coisa, isso também acontece à ideia dessa coisa? Quer dizer, se uma cadeira arder, a ideia da cadeira também arde?

Bruno: Não, não há nada que possa destruir as ideias. As
15 coisas que partilham as ideias podem ser destruídas, mas as ideias não.

Pimpa: E com as pessoas isso também acontece?

Bruno: Talvez. Por exemplo, todos sabemos que o Vasco da Gama já morreu mas será que a ideia de Vasco da
20 Gama também morreu?

Pimpa: Ó Bruno e as ideias ficaram felizes quando cá chegaram?

Bruno: Não. Quando chegaram cá algumas sentiram-se muito infelizes.

25 *Pimpa:* Ai foi, mas porquê?

Bruno: Sabes, lá no céu onde estavam eram perfeitas, tudo

era perfeito à volta delas. Se tu fosses uma ideia, viverias rodeada de boas acções, cidades bonitas e frases verdadeiras.

5 *Pimpa:* Ah, já percebo! Quando cá chegaram acharam tudo feio e disforme.

Bruno: Pois foi, e embora se tivessem esforçado por dar forma às coisas, não houve uma única que ficasse perfeita. Como vês, a maioria das casas é feia, há imensas frases que são falsas e pessoas boas, há muito poucas.

10 *Pimpa:* Aposto em como as ideias disseram: "As coisas não eram assim no sítio donde viemos!".

Bruno: Ao princípio não. Quando uma ideia chegava aqui esquecia-se que tudo era perfeito e maravilhoso no céu donde vinha.

15 *Pimpa:* Esquecia-se? Queres dizer que as recordações se apagavam e elas não se lembravam de nada do que havia naquele mundo maravilhoso?

Bruno: Era, mas às vezes também aconteciam coisas boas às ideias.

20 *Pimpa:* Coisas boas? O quê, por exemplo?

Bruno: Olha, às vezes no meio de tantas coisas feias, descobriam um animal bonito, ou no meio de tantas maldades que as pessoas fazem umas às outras, encontravam alguém a praticar uma boa acção.

25 *Pimpa:* Ou, para variar, ouviam alguém a dizer a verdade.

Bruno: Isso mesmo. E quando essas coisas aconteciam, a

ideia lembrava-se de repente de tudo o que tinha esquecido. Lembrava-se do mundo maravilhoso donde tinha vindo, no qual estava rodeada por ideias perfeitas e onde tudo era bom e verdadeiro.

5 *Pimpa*: Então será por isso que quando vemos um filme, em que no fim os bons ganham e os maus perdem, choramos de alegria? Será que nos sentimos felizes por estarmos, naquele momento, a viver num lugar onde só acontece o bem?

10 *Bruno*: Acho que sim. E é por isso que nos arrepiamos quando vemos uma coisa bonita ou quando descobrimos a verdade. É como se tivéssemos regressado a casa, nesse momento voltamos a ser felizes.

15 Quando já pensávamos que o espectáculo tinha terminado e os dois fantoches já tinham desaparecido, o Rodrigo pôs a cabeça de fora e disse:

— Eu não sei se esta história é da Pimpa ou do Bruno, só sei é que ela é muito disparatada! Esta história das estrelas
20 serem ideias que descem à terra e dão forma a tudo, francamente, quem é que acredita neste conto de fadas?

Nessa altura, o Bruno pôs a cabeça de fora e disse:

— Ó Rodrigo, mas tu tens uma história melhor?

— Não tenho, mas posso dizer o que é que acho que está
25 errado na tua — respondeu o Rodrigo.

— As ideias são pensamentos e os pensamentos vêm do

nosso cérebro, e todas as coisas têm uma forma... ela não vem das estrelas! Meu Deus, que baralhada tão grande que vocês fizeram!

O Bruno não se zangou, só se riu e perguntou—lhe:

5 — Mas por que é que o que eu disse é um conto de fadas e o que tu agora disseste não é?

— É muito simples — respondeu o Rodrigo. — Num conto de fadas as ideias não são iguais às coisas que existem no mundo e numa história verdadeira são.

10 — Então — comentou o Bruno — nesse caso, se o que eu disse era um conto de fadas o que tu disseste também é.

Eu estava à espera que o Bruno explicasse o que queria dizer com aquilo, mas naquele momento o Tomás interveio:

15 — Rodrigo, pára de discutir com o Bruno. Não tens nada que te meter na história dele.

O Rodrigo ia responder ao Tomás, mas o Bruno respondeu por ele:

— Ó Tomás não te zangues com o Rodrigo, porque isto não passou duma brincadeira que nós planeámos.

20 Quando o Bruno disse isto, nós rimo-nos todos imenso. No fim o Rodrigo perguntou-me:

— Ó Pimpa, afinal qual das quatro versões era a mais parecida com a tua história?

E eu respondi:

25 — Nenhuma delas. São todas muito diferentes da minha.

Então o Manel disse:

— Ó Pimpa, não comeces com as tuas coisas. Conta-nos mas é a tua história duma vez por todos.

Eu ri-me.

— Nem penses! Só se eu fosse tola. Se vocês fizeram esta
5 peça em quatro actos, foi porque eu *não* vos contei a minha história. Assim, se eu nunca a contar, talvez isto continue para sempre.

— Sim, de qualquer maneira — disse a Isabel — nós já sabemos a história de como a tua história misteriosa apa-
10 receu.

— E também sabemos qual era a tua criatura misteriosa— disse o Manel. — Por isso sabemos dois dos teus mistérios.

Como o Manel tem a mania que é esperto eu perguntei-
-lhe:

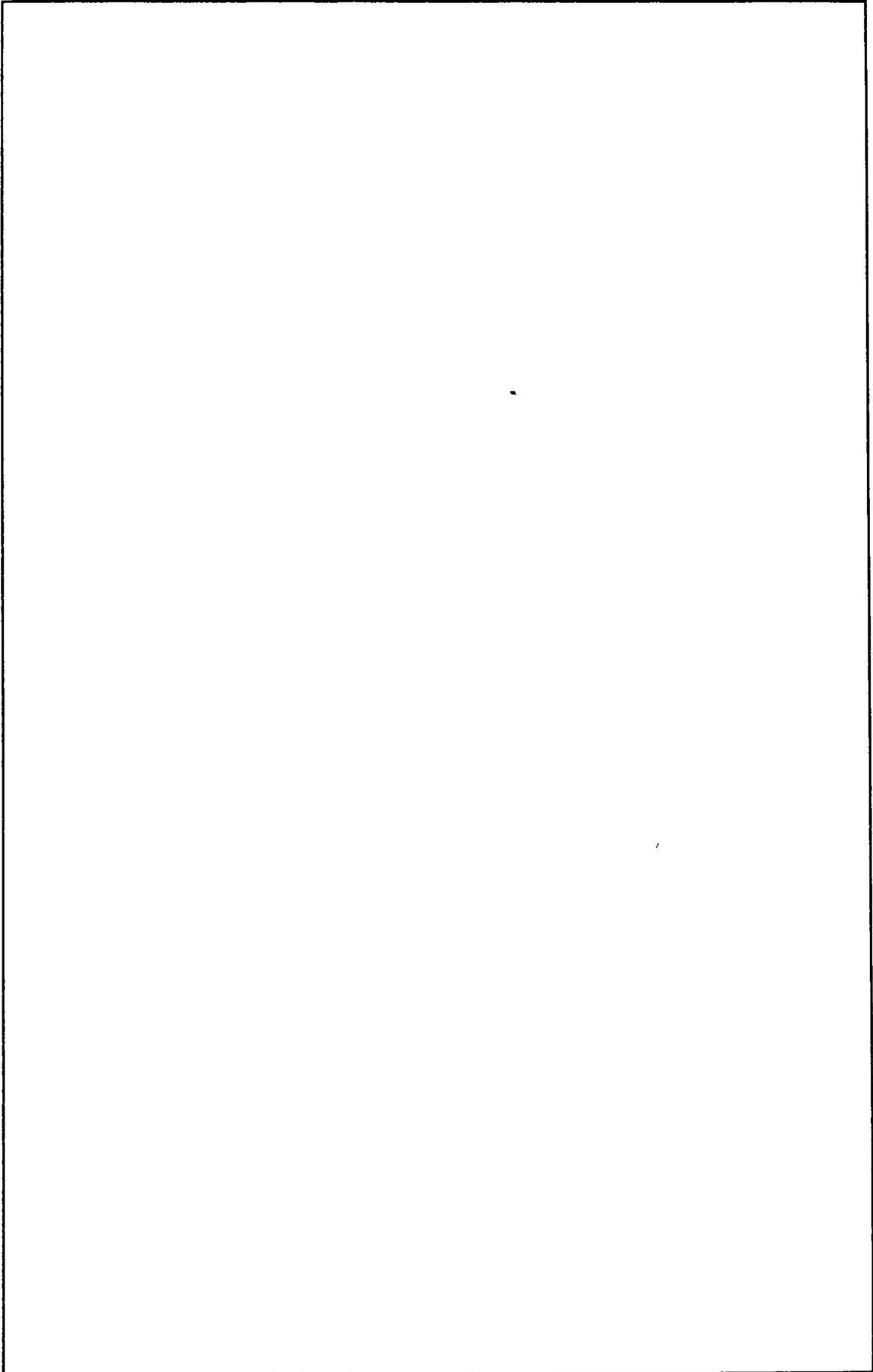
15 — Tens a certeza?

— Claro que tenho — respondeu ele com um grande sorriso.

— Bem, então — disse eu — vou só fazer-te uma pergunta. Como é que *sabes*?

20 — Como é que sei qual era a tua criatura misteriosa? — perguntou ele. — Que parvoíce! Como é que alguém sabe alguma coisa?

— Ó Manel — disse eu — esse não será o terceiro mistério?





MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



INSTITUTO DE
INOVAÇÃO
EDUCACIONAL